

Nilton Bahlis dos Santos

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

11 DE SETEMBRO

BANCADA
CABECEIRA
VESTIÁRIO

ESTÁDIO NACIONAL

30.000
presos

73

Nilton Bahlis dos Santos

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE



Rio de Janeiro
2010

Copyrights © 2010 Nilton Bahlis dos Santos

Capa: Yuri Bigio
Editoração: Marcos Vilaca
Revisão: Luiza Miriam Ribeiro Martins

Edição:



Arquimedes Martins Celestino Edições e Serviços Gráficos Ltda.
Av. Marechal Floriano, 38 / 705 • Centro
20080-007 • Rio de Janeiro • RJ • Brasil
Tel./Fax: (55 21) 2253-3879
www.arquimedesedicoes.com.br • edicoes@arqedit.com.br

SUMÁRIO

I – A REALIDADE E O ROMANCE	5
A relatividade dos sonhos...	5
Algo no ar além dos aviões de carreira...	8
A tentativa de fuga...	11
Por uns seis meses...	13
A primeira refugiada do Chile	16
Um copo de leite...	19
O machismo chileno	21
“El Chacal”	25
Je suis le prisonnier...	27
O romance e a realidade	29
II – A OCUPAÇÃO DE ESPACOS	33
O Estádio Nacional	33
A desesperança	35
A ocupação de espaços	38
David esqueceu-se de mim	40
Tomando conta do Estádio	43
A importação de tecnologia	45
O contato com o mundo exterior	48
O aprendizado da cadeia	49
Conselho de Guerra	52
Ou todos ou nenhum	54
III – ASCENSÃO E QUEDA	55
Recebendo presentes	57
Já foi dia de índio	60
O terremoto	62
O materialismo histórico ou a vontade divina	65
Como seria bom estar na Embaixada Argentina	67
A hora da bóia	69
A “maldição” dos banidos	71
Na Suíça, jamais!	74
A “obsessão”...	76
Diferenças e identidades	78
Saindo do inferno	80
Vai meu irmão, pega esse avião...	83
O AUTOR	86

A REALIDADE E O ROMANCE

A relatividade dos sonhos...

Todo o dia a refeição era a mesma: meia broa e uma xícara de café pela manhã e uma cuia de sopa e mais meia broa no almoço. A fome provocava fantasias e o delírio, numa espécie de masoquismo, levava nossas conversas a girar obsessivamente sobre comidas.

Num canto do corredor, fora do camarim, Ernesto, explicava como se faziam “Empanadas de Pinos”, com muita cebola, quentinha e acompanhada de “vino tinto”. Como aperitivo alguns “Locos al Horno”, aparteava outro chileno descrevendo, minuciosamente a preparação: “Coloca-se os ‘Locos’, um marisco redondo, dentro de uma panela de água fervente até que sua casca se abra. Retire-os com cuidado para não se queimar, coloque-os em uma bandeja, pingue um pouco de limão e uma colherinha de queijo ralado dentro em cada um, e leve-os ao forno...”.

“São comidos com vinho branco, tirando-os da casca com a língua, e chupando-os com o caldinho”. “A lo mejor un ‘Concha y Toro’”, emendava o outro.

Em outra roda, poucos passos dali se podia ouvir um mexicano, começando a falar das últimas “Tortillas” que tinha comido, quando um brasileiro o interrompia para falar da “Feijoada Brasileira”.

Um grupo de companheiros o ouvia enumerar os ingredientes, como se cada um deles tivesse vida, depois de ouvirem a história a feijoada nasceu, reunindo os restos do porco e as carnes menos apreciadas pelos senhores da terra, para alimentar os escravos de maneira barata. Conforme ia temperando o prato, falando sobre o refogado de cebola, falando do tamanho do panelão, ia recebendo o apoio de outros companheiros que, quase como se fizessem partes de um jogral, descreviam, alternadamente ou em coro, todos os passos: o tipo de feijão, a lavagem das carnes salgadas, a laranja, a farofa (ah, a farofinha, com muito torresmo!?!)... Sem esquecer a descrição da invariável toalha de algodão quadriculada sobre a mesa. Não faltava mesmo alguém para falar da “pelada”, jogada enquanto se preparava a comida, interrompida a cada certo tempo por uma corrida à cozinha para tomar “caldinho de feijão”, com uma “purinha”.

Mas os desejos, assim como os sonhos, têm seus limites no contexto em que se vive. Carlos Nuñez, o comandante da revolução sandinista, me contou certa vez que o seu maior sonho, quando estava na guerrilha, era poder ir a um cinema. Nas condições de isolamento, vivendo meses, às vezes anos, em um “aparelho”¹, a materialização da vitória da revolução pode ser simplesmente a liberdade de ir ao cinema...

¹ “Aparelho” era como chamávamos os locais onde vivíamos escondidos.

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

Com o passar do tempo, a realidade da ração diária de uma xícara de café, uma cuia de sopa e duas meias broas dormidas, foi se encarregando de dissipar os delírios da fome e as fantasias e sonhos de banquetes. É incrível a capacidade de adaptação do homem. Ou melhor: é incrível como o homem come mais do que precisa. Em quarenta e cinco dias eu tinha emagrecido 16 desnecessários quilos e não sentia mais fome. Comer continuava a ser um prazer. Mas agora este prazer podia ser satisfeito com muito pouco.

Quando se passaram as primeiras semanas começamos a receber notícias de fora. Com esforço e coragem, parentes de alguns companheiros conseguiam fazer chegar até nós algumas laranjas, chocolates, biscoitos e cigarros que, na maioria das vezes, eram divididos irrimavelmente entre os 126 companheiros do vestiário em que eu estava. O resultado desta divisão, na qual conseguimos perder horas, era um pedaço de biscoito, um gomo de laranja, chupado com cuidado, ou um pedacinho de chocolate – que maravilha!, guardado ciosamente para ser comido dentro de um pedaço de pão. Às vezes dividíamos as cascas de laranja, pois alguém afirmara que elas poderiam oferecer o cálcio que o organismo, debilitado, necessitava. O resultado da divisão não justificava todo esforço organizatório e de negociação que era necessário para levá-la a bom termo. Mas aquilo significava mais do que o seu possível resultado em calorias e vitaminas. Era uma espécie de exercício de solidariedade e convivência neurótica, que nos deixava juntos e em contato com alguém, que, lá de fora, se dispunha a nos ajudar.

Neurótica, a ponto de me levar a começar a fumar para não ficar de fora, na rodinha daquele meio cigarro.

Até então eu era um daqueles não-fumantes chatos, que via reclamando dos outros. Em particular quando a fumaça de alguém chegava ao meu nariz, o que ocorria sempre, já que uma lei da física diz que a fumaça é atraída pelo nariz dos não-fumantes. Mas não aguentei ficar de fora daquele ritual, onde os cigarros eram divididos, um por grupo, e, após uma ou duas rodadas, apagado e guardado para mais tarde.

Os sonhos e prazeres iam se modificando com aquela realidade. Nas rodas para bate-papo, dentro do vestiário ou tomando sol nas arquibancadas já não se ouvia mais algum argentino falar da “Parrillada”, um espanhol falar da maravilhosa “Paella a Marinera” ou um centro-americano de sua “Pamonha de Milho”. A realidade da sopa rala, do café aguado e da meia broa dura se impunha com toda força. De vez em quando se ouvia alguém comentar:

“Quando sair daqui, a primeira coisa que vou fazer é comprar uma bisnaga de pão de meio quilo e cinco barras grandes de chocolate!”.

Algo no ar além dos aviões de carreira...

Naquele dia acordei com a gritaria e o som forte de um rádio que tocava marchas militares. Levantei em sobressalto e corri para o pátio a tempo de ver um avião passar por sobre a minha casa, no sentido do Palácio “La Moneda”. Quando já o perdia dos olhos, ouvi os zumbidos e as explosões.

Voltei para o rádio a tempo de ouvir o primeiro comunicado militar. As forças militares assumiam o poder em função “do

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

caos, da anarquia provocada por um governo movido por ideologias alienígenas". Para comprovar a existência da influência alienígena, apresentavam uma lista de uma vintena de "agentes estrangeiros" e "conclamavam a população a entregá-los ao exército".

O que eu veria a seguir foi o golpe mais clássico que o acaso me fez viver. O primeiro foi em 1961 com a renúncia de Jânio. Eu estava em Porto Alegre, onde se deu a resistência, liderada por Brizola. Após a notícia do golpe, foi criada a "Cadeia da Legalidade", um programa de rádio, que incitava a população a resistir. As manifestações ganharam as ruas de Porto Alegre e foram formados "grupos dos onze", que receberiam armas quando "fosse necessário". Tinha dezesseis anos e participei, então, da ocupação do "Julinho", um colégio estadual com muita tradição de luta, onde nos protegemos com sacos de areia nas janelas, portas e telhado. O colégio foi sobrevoado por aviões... Mas eles eram nossos.

Depois aprendi que um golpe derrotado, muitas vezes, é apenas o ensaio para outro vitorioso. Veio 1964 onde tudo se repetiu: a rádio, as mobilizações e os "grupos dos onze". Voltamos a ser sobrevoados... Mas os aviões já não eram nossos.

Mais tarde houve o Ato Institucional nº 5. Na época eu era da diretoria da União Nacional dos Estudantes, e desta vez os aviões nem chegaram a voar. Mas mesmo assim veio a repressão. Um pouco antes eu estivera preso no Congresso de Ibiúna, tudo por causa dos pãezinhos...

Acontecia o maior Congresso da UNE até então, o de número 29, com mais de mil delegados reunidos, "clandestinamente" em

um sítio, perto da cidade de Ibiúna. A repressão vasculhava a região. Conta-se que a polícia encontrou o Congresso, apesar de todo o esquema de segurança porque a “Comissão de Alimentação” baixou em uma padaria de Ibiúna e pediu: “Embrulha 3.000 pãezinhos franceses”. A cidade tinha cerca de 5.000 habitantes...

Depois vivi minha primeira experiência internacional de golpe. Estava de passagem no Uruguai, indo para o Congresso da FUA na Argentina, quando aconteceu o golpe de Pacheco Areco. Eu estava sozinho na casa de Erro, um deputado de esquerda e internacionalista. Ele estava na rua quando ouvi os aviões, as marchas militares e um comunicado no rádio, onde diziam que “o Deputado Erro está sendo procurado por ligações com movimentos guerrilheiros internacionais”. Arrumei as malas rapidamente e bati em retirada...

No Chile vivi, mais uma vez, um ensaio geral: o “Tancozo”, em julho de 1973. Os tiros e bombardeios dos golpistas foram enfrentados por uma tropa legalista, chefiada por Pinochet. Três meses depois, os aviões, as marchas militares... e o mesmo Pinochet agora liderava o golpe.

Para completar a conta de mentiroso, ainda tive a sétima experiência, a européia, em novembro de 1975 em Portugal. No início desse ano tinha ocorrido a “revolução dos Cravos” que derubou a ditadura salazarista e colocara as massas na rua. Eu chegara a Lisboa no começo desse mês e pude ver manifestações populares acompanhadas de tanques e soldados com bandeiras e cravos vermelhos, insurretos...

Numa manhã acordei ouvindo marchas militares, desta vez na TV, sinal dos tempos, ocupada pelos golpistas. O que veio de-

pois, já me era conhecido: os bombardeios, as referências aos estrangeiros “responsáveis pelo caos e a anarquia” e os aviões que, mais de uma vez, não eram nossos.

A tentativa de fuga...

O rádio anunciava que “os militares assumiam o controle da situação”. Allende estava morto, qualquer ação de resistência seria julgada em corte marcial. Passava a vigorar o toque de recolher das 18 horas da tarde até às 8 da manhã e repetidas as denúncias de estrangeiros que traziam “ideologias alienígenas”. Comecei a imaginar a histeria chauvinista e as perseguições aos estrangeiros que ela provocaria. Decidi que o melhor era dar uns telefonemas, ficar em casa, organizar tudo e aguardar para ver como as coisas se desenvolviam.

Passei seis dias, praticamente encerrado, entre uma ou outra saída até a esquina para ver como “estava o ambiente”. Esperando que as coisas acalmassem, organizei meus livros, documentos e relatórios que guardava em estantes que cobriam várias paredes de dois grandes quartos. Seleccionava os documentos por ordem de importância, eliminava os que pareciam desnecessários, rasgava e queimava os papéis e anotações comprometedoras e os encaixotava. Enquanto isto, pelas notícias de rádio, comentários que ouvia da casa ao lado, pude saber que o golpe se consolidava, que a resistência estava dispersa e não havia outra possibilidade para os exilados além de sairmos do país.

Não tinha telefone e no dia 18 de setembro um companheiro me visitou, à noite, para passar em revista a situação. Era

necessário preparar um esquema para mais tarde tirar todo aquele material do país. Precisávamos organizar um plano de fuga. Enquanto conversávamos, um tiroteio se estabeleceu nas cercanias de minha casa. Fui ao quarto apagar as luzes, como em todos os outros dias quando os tiros e bombas pareciam se aproximar demasiado de casa, e quando voltei para a sala vi Aurélio com a porta aberta, apontando o dedo para um helicóptero. A luz projetava sua imagem com o braço levantado do lado de fora. Corri, apaguei a luz e o pus para dentro de casa chamando-o de louco. E se julgassem que ele era um franco-atirador?

No escuro, e sussurrando, planejamos minha fuga que deveria se dar no outro dia, pela tarde, quando eu pediria asilo na embaixada do Peru. A embaixada da Argentina, que seria muito melhor porque ficaríamos pertinho do Brasil, estava fora de cogitação. Ela já estava abarrotada de gente, o que atraía muito a atenção dos militares que a tinham cercado para dissuadir novos exilados.

No dia seguinte aparei a barba e coloquei uma roupa suficientemente discreta para não chamar a atenção. A cidade estava cheia de militares, armas e tanques. A população evitava sair à rua. Depois de 15 ou 20 minutos andando a pé e observando tudo em uma cidade em estado de Guerra, sentei alguns minutos em um bar observando a área onde me encontraria com Raul. Ele era um companheiro, filho de um diplomata brasileiro no Chile, o que lhe permitia se mover mais tranquilamente pela cidade.

Marcáramos o encontro como fazíamos no Brasil, na clandestinidade. Nos encontraríamos em movimento, para não chamar a atenção da repressão. Aurélio designara, um quarteirão

previamente escolhido. Deveríamos chegar nele, pontualmente às 15 horas. Eu começaria a dar a volta nele com o ombro esquerdo voltado para o lado da parede. Raul viria no outro sentido, com o ombro direito para a parede até nos encontrarmos em um ponto indeterminado como se fosse por acaso.

Caminhando devagar, já preocupado quando ia entrar na segunda volta ele apareceu em minha frente. Nos cumprimentamos, andamos um pouco para ver se estávamos sendo seguidos e fomos para um boteco, onde trocamos informes em voz baixa. Num dado momento, Raul disse que achava melhor deixar a fuga para o dia seguinte, pois já eram 16 horas e, se eu não conseguisse entrar na Embaixada, não daria mais tempo de voltar para casa antes do toque de recolher.

Nos despedimos e voltei correndo para casa. Quando cheguei encontrei Juno e mal começamos a conversar quando ouvi um barulho forte, como se fosse uma coronhada na porta, e um grito alto e seco vindo de fora:

“Abran sin resistir!”.

Por uns seis meses...

Já fazia um ano e meio que chegáramos ao Chile, eu, Luciana e Irene. Nossa organização tinha sofrido um duro golpe da repressão e nós três, tidos como dirigentes da organização, saíramos do Brasil pela fronteira do Uruguai.

A viagem ocorrera sem maiores problemas além dos criados pela imaginação de quem tinha visto cerca de 200 companheiros serem presos e diversos “aparelhos” caírem à sua volta.

A repressão foi súbita e devastadora. A organização era desconhecida e eles, a partir da queda de dois companheiros, quase por acaso, terminaram por dismantelar quase todo o setor estudantil. Prenderam quase todos: militantes, simpatizantes, amigos, namorados(as) e gente que simplesmente se relacionava com eles. Só não levaram gatos e cachorros, mas houve mesmo um caso em que levaram o pai de um companheiro, um arquiteto, um dos maiores acionistas de uma grande empresa, que por azar ou imprevidência tinha batizado o filho com seu nome. Só descobriram o erro depois de o terem encapuzado e colocado de cuecas em uma “geladeira” (sala pequena e sem janelas, toda pintada de branco onde eram colocados os presos, para quebrar sua moral).

Entre os presos estava Leonora, denunciada por alguém como militante estudantil. Quando conseguiram fechar o organograma da organização ela não estava em nenhum organismo, o que terminou por fazê-los acreditar no que ela dizia: que estava em outra e “desbundada”². Ela foi entregue a seu pai com um carão enquanto ria por dentro. Somente no outro dia, após soltá-la, descobriram que se tratava da hiper-super-perigosa e caçada Luciana, direção do setor operário, e junto a mim e Irene, os únicos nomes que a repressão conhecia fora do setor estudantil.

Foi em razão disto que, quando a direção se reuniu para estudar a reorganização, uma das suas decisões foi que nós três deveríamos sair do país, “por uns seis meses”, para dar a impressão de que os que restavam se tinham dispersado.

² “Desbundados” era como se chamavam os companheiros que abandonavam a militância.

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

Dias depois, evitando a Rodoviária, pegamos um ônibus na Via Dutra, rumo ao exílio. Trocamos de ônibus em São Paulo e paramos outra vez em Curitiba. Aí, enquanto fazíamos hora para pegar outra condução para Porto Alegre, ocorreu um episódio que mostrava a tensão em que estávamos, parecendo que qualquer coisa poderia por tudo em risco. Caminhávamos pela cidade conversando sobre o futuro no exílio, quando cuspi para o lado e sem querer respingou na lapela de um senhor de terno que tentava nos ultrapassar. Voamos os três em cima dele para limpá-lo e pedir desculpas, movidos pela mesma ideia, de que se o homem criasse caso poderíamos terminar sendo descobertos.

Ficamos escondidos alguns dias em Porto Alegre enquanto amigos armavam um esquema para passar a fronteira. Quando passamos pelo Uruguai a tensão ainda era grande. Foi em Buenos Aires que começamos a relaxar. Enganados por um taxista, não vacilamos em chamar a polícia em plena Ditadura de Lanusse.

Entramos no Chile de trem, pela cordilheira, e ainda carregávamos as malas saindo da Estação em Santiago quando vimos a primeira manifestação de massas: um grupo de “mapuches” se manifestava em frente ao Palácio La Moneda. Nos abraçamos os três pensando no trabalho miúdo que fazíamos no Brasil passando jornais de mão em mão, dentro de pacotes e envelopes, discutindo em pequenos grupos, fazendo ações de vanguarda...

Alguns índios idosos, com quase 80 anos, se aproximaram de nós, gritando seus slogans em língua mapuche. Nos olhamos sem nada falar,... e choramos.

A primeira refugiada do Chile

No Chile encontramos refugiados brasileiros de todos os tipos e matizes: militantes, “desbundados”, “militaristas”, “massistas”, “esquerdistas”, “reformistas”... Uns saíram com carteira de identidade, pela fronteira. Outros tinham saído com documentos frios ou através de troca de prisioneiros por sequestrados. Alguns tinham saído em 64, vivido na Europa, em Moscou e na Alemanha do Leste. Novas levas saíram em 1968, em 70, em 72. Alguns estiveram em Cuba ou na Argélia. Outros apenas tinham ido para o Chile. Todos, no entanto, tinham uma coisa em comum. Todos estavam decididos a voltar e tinham saído do país “por apenas seis meses”.

Os meses se passaram entre grandes experiências e mobilizações: vimos manifestações multitudinárias, de índios, mulheres, estudantes, crianças, operários e camponeses. Todos se manifestavam. Várias vezes, vi passar centenas de milhares de pessoas pela imensa Alameda O’Higgins, com seus capacetes, macacões e instrumentos de trabalho, jeans ou vestimentas indígenas, às vezes sobre caminhões e tratores. Defendendo seus interesses...

Mas aos poucos os “momios” (como eram chamados os reacionários chilenos) começaram a se rearticular. Começaram a paralisar o governo Allende com manobras institucionais, impedindo-o de satisfazer as expectativas populares que sua eleição tinha criado. Por outro lado, provocavam desabastecimento através de manipulações na imprensa (a todo o momento conspirando e reclamando da “censura”) e da especulação de grupos econômicos. Tudo era muito simples: uma grande manchete dizendo que as chupeta de bebês ou o papel higiênico (!?!?) iriam desaparecer

do comércio. Os patrões escondiam seus produtos e a corrida às lojas terminava por esvaziar as prateleiras...

O descontentamento crescia em largas parcelas da população enquanto os golpistas se articulavam nas casernas. No final de agosto discutíamos em círculos de refugiados sobre a possibilidade de um golpe e o que deveríamos fazer numa situação daquelas.

Tudo indicava que o golpe poderia ocorrer naqueles dias. O governo Allende tentava neutralizá-lo fazendo concessões aos militares. Mas sabendo que setores da população se preparavam para resistir ao golpe, os militares os provocavam: o cerco à “población Lo Hermida”, onde criaram conflitos para depois invadir, massacrando a população, e o caso, exemplar, dos marinheiros.

A organização popular já chegara ao interior das casernas e dos navios militares. Os serviços de segurança haviam detectado a existência de um núcleo de marinheiros com um plano antigolpe, que pretendia, quando surgissem as primeiras movimentações golpistas, ocupar navios de guerra e levá-los para alto-mar, para serem colocados a serviço da resistência. Os militares simularam a situação de golpe e os marinheiros puseram seu plano em marcha. Todos foram presos, acusados de traição e motim, e muitos torturados de maneira selvagem. E Allende, dentro de sua política de concessões, foi obrigado a calar e permitir a repressão... ou estaria apoiando um motim.

A tentativa de conter os golpistas ao nível institucional não podia ser entendida pelas massas populares. A população assistia perplexa e paralisada ao cerco de Allende. Isto criou condições para que uma outra alternativa política surgisse com a articulação entre o Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), o Movimiento de Acción Popular Unificado (MAPU), a Izquierda Cristiana (IC) e

sectores do Partido Socialista (PS) que começaram a se preparar, inclusive militarmente, para o possível confronto. Mas se a grande maioria do movimento popular começava a se desgastar com a Frente Popular de Allende, ela ainda não acreditava nessa alternativa revolucionária. A população ainda estava perplexa com o que ocorria. Era o momento dos golpistas agirem. Um pouco depois poderia ser demasiado tarde.

Decidimos que se a resistência se estabelecesse deveríamos nos integrar e lutar. Muitos de nós estávamos vinculados ao MIR e outras organizações populares chilenas, mas no caso de se estabelecer uma guerra civil, não cabia, a nosso ver, uma integração individual dos estrangeiros às organizações chilenas. No nosso grupo, assumimos a posição de que deveríamos fazer um trabalho político nas colônias de exilados para formar brigadas internacionalistas. Nesse sentido, foram redigidos, inclusive, dois documentos propondo a criação, precisamente, das Brigadas Internacionalistas, documentos esses que, mais tarde, quase caíram e provocaram o fuzilamento de uma família inocente.

Enquanto nos preparávamos para o golpe, decidimos também que deveríamos criar uma alternativa para o nosso grupo no exterior, enviando um mensageiro para a Argentina para estudar a possibilidade de criar uma base naquele país.

Com o objetivo de fazer levantamento sobre essa possibilidade, Luciana tomou o trem, pela noite, no dia 10 de setembro. Atravessou a cordilheira e chegou pela manhã do 11 na sede de um partido argentino com o qual tínhamos relações. Quando entrou, pensando tratar-se de uma brincadeira, ouviu o comentário: "Chegou a primeira exilada chilena...".

Um copo de leite...

Eu estava no quarto quando eles entraram fazendo muito barulho. Empurraram-me para cima da cama, de pé, e me colocaram contra a parede. Ouvi gritos no outro quarto, onde estava Juno, e começaram a me fazer um rápido interrogatório. As perguntas eram feitas sem ameaças, apesar das metralhadoras apontadas: “Seu nome? O que veio fazer no Chile?” etc...

Nos retiveram em um quarto e, passado um certo tempo, mandaram que fôssemos saindo para a porta da casa. Quando cheguei ao portão, a pouca luz do poste em frente me permitiu ver dois caminhões. O primeiro repleto de soldados e o segundo praticamente abarrotado de meus livros, documentos e papéis.

Quando me fizeram subir no caminhão, sobre os livros, enquanto subia, pude ver, do outro lado da rua, uma montanha de papéis pegando fogo. “Não havia lugar para eles”, pensei com meus botões, enquanto me colocavam uma algema de dedos. Eram dois anéis feitos de lâminas afiadas unindo os dedos do meio de cada mão, prendendo-as atrás das costas. Depois descobri que a delicadeza da engenhoca não tirava sua eficiência. Melhor ficar quieto, pois conforme me movia, os anéis subiam, ameaçando cortar a membrana entre os dedos.

Juno foi colocada na cabine e eu sobre os livros, na carroceria, com um soldado ao lado. Partimos deixando a fogueira para trás e penetrando na escuridão da noite. Com o sacolejar do caminhão e o movimento para me equilibrar, os anéis subiam, machucando minha mão. Arrisquei, sem grande expectativa de sucesso, pedir ao soldado que abaixasse as algemas. Ele pediu para me afastar, e delicadamente

abaixou-as. Isto se repetiu várias vezes no caminho até que, quando entramos na *Calle Vicuña Mackena*, ouvi um tiroteio. Era uma emboscada. Forças da resistência atiravam contra o comboio militar.

Nos dias anteriores eu tivera informes de situações similares. Quando eram atacados, os militares tinham orientação de colocarem os presos à frente, como reféns, para dificultar os ataques da resistência.

Eu já esperava o pior, quando o soldado que me guardava me pediu que me abaixasse, se colocando à minha frente como se quisesse me proteger com seu próprio corpo. Fiquei enfiado entre os livros cerca de quinze minutos enquanto ouvia um tiroteio cerrado. Quando cessou o ruído de combate, ouvi a ordem para o comboio se colocar novamente em marcha.

Chegamos ao Regimento Buin um pouco depois. O oficial desceu do caminhão e foi na direção de um prédio enquanto esperamos. Voltou em seguida e o comboio retomou viagem no sentido do Estádio Nacional. Aí paramos novamente, baixou um oficial para falar com os guardas na entrada do estádio. Pouco depois voltamos para o Regimento Buin.

Enquanto esperávamos o oficial receber novas ordens, pude ter uma informação do soldado que me guardava: tinham recebido ordens de nos entregar no Estádio Nacional, mas era demasiado tarde da noite e, por medida de segurança não aceitaram nos receber. Agora não sabiam o que fazer, pois, não guardavam presos ali no regimento.

Quando vi o oficial voltar, não sei por quê, tive certeza de que nos soltariam ali mesmo. Pensei mesmo em pedir que me levassem até em casa, já que vigorava o toque de recolher e era arriscado voltar para casa.

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

Minha ilusão se desfez com a ordem de que deveriam baixar os presos. O oficial me reteve um pouco enquanto os outros soldados se afastavam com Juno e me sussurrou: “livra a cara da menina que tua situação está difícil”. Pensei se estaria dizendo isto para me amedrontar, mas sua voz era cordial e sincera.

Nos colocaram em um pequeno quarto, bem guardado por soldados, onde deveríamos passar a noite. Arrisquei então, o que era uma boa maneira de saber da disposição dos soldados, dizendo que necessitava tomar um copo de leite, pois tinha úlcera e a tensão me provocava dores. O soldado saiu, e voltou com o copo de leite...

Somente mais tarde, já no Estádio Nacional, pude saber por que os soldados do Regimento Buin haviam me tratado daquele jeito. O Regimento era legalista, defendia Allende, e chegou mesmo a resistir ao golpe. Quando isto se mostrou impossível, se renderam sob a condição de que mudasse apenas o comandante, sem modificar mais nenhum mando dentro do quartel.

E me passou pela cabeça que naquela imensa fogueira em frente de minha casa, queimavam os papéis que mais me trariam problemas. Afinal, os que tinham me prendido, eram companheiros...

O machismo chileno

Quando fomos entregues no Estádio Nacional, no dia seguinte à prisão, eu e Juno fomos diretamente para o interrogatório. Era uma sala grande, e havia algumas mesas onde os presos eram interrogados.

“¿Que haces en Chile?”, me perguntou o interrogador. Respondi que viera estudar arquitetura e quando tentei continuar senti um soco na cabeça que me fez cambalear.

As perguntas mais bobas e as respostas mais verdadeiras e evidentes provocavam socos e pontapés. Em minha O.³, no Brasil, nós nos preparávamos muito bem para situações como aquela. Sabíamos que tínhamos de resistir até saber que informação tinham sobre nós. Isto era importante para podermos construir uma história factível com as informações que estavam sobre a mesa. Para, a partir daí, construir algo como um “avatar”, que assumisse um papel, como se faz hoje em um RPG.

Se alguma informação (encontrada com algum outro preso, ou em algum documento) tornava inviável aquela história, resistíamos enquanto construíamos um outro avatar e uma outra história.

Legalmente eu não era exilado no Chile. Mantivera meus papéis como turista constantemente renovados. Por isso, entre as dores, não pude deixar de experimentar um certo alívio. Batiam mesmo quando eu falava a verdade mais elementar, por que não sabiam nada sobre mim.

Eu estava matriculado na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Chile, que acabara de concluir, mas ainda não tinha sido diplomado. Tinha um álibi para estar no país: vim para estudar! Podia assim responder às perguntas vagas que me faziam, sem sequer ter necessidade de mentir. Aparentemente ainda não deviam dispor de informações sobre os meus antecedentes no Brasil. Na Colônia de exilados e entre os chilenos com que con-

³ *O. era como chamávamos as Organizações e partidos em que militávamos.*

vivia eu mantivera ciosamente um nome frio, “Figuroa”, e meu endereço era conhecido apenas por poucas pessoas. Não citavam meu codinome, nomes ou fatos concretos. A violência era uma mera tentativa de me amedrontar.

O problema da tortura não é a violência em si, mas a possibilidade de conseguirem de você informações que podem colocar em risco seus companheiros, sua luta ou sua honra. Quando eles não sabem o que você sabe, quando não conseguem lhe pegar em contradições, a tortura provoca apenas dor. Não é pior do que um corte profundo ou que uma dor de dente. A dor passa, é apenas uma questão de tempo.

A sessão durou cerca de uma hora e a pancadaria já começava a diminuir quando começaram a interrogar Juno. Não batiam, mas gritavam muito com ela. Num dado momento ameaçaram bater e ela começou a berrar: “Estão me torturando”.

Pude entender seu gesto. Na clandestinidade orientávamos os militantes a fazer um escândalo se fossem presos na rua. Para denunciar o inimigo e fazer que soubessem que estávamos sendo presos. Mas ali, ali não havia para quem denunciar. Todos estavam presos e o que ocorria naquela sala era muito pouco perto de outros centros de interrogatório onde se sabia de fuzilamentos massivos, inclusive dentro do próprio Estádio Nacional.

Não podia condená-la, era o primeiro golpe que ela vivia. Não tinha experimentado ainda essa brusca mudança de correlação de forças que se dá com um golpe militar, quando os aviões, deles, sobrevoam, e não se dava conta de que não estávamos mais em um país democrático, ou em uma ditadura desgastada, onde a denúncia de tortura pode provocar constrangimentos.

Estávamos simplesmente em um campo de concentração, com cerca de 30.000 presos, convivendo com abusos, torturas e fuzilamentos, fato que nem eu, com um pouco mais de experiência, tinha ainda conseguido perceber em toda a sua dimensão.

Por um momento pensei que ela tinha passado o limite do machismo que, até aquele momento impedia aqueles homens de baterem nela. Por um lapso de tempo isto me passou pela cabeça e temi por seu destino. Logo após, dois homens começaram a desfechar uma saraivada de socos e pontapés sem pergunta sequer. Mas a surra era em mim, seu companheiro... O machismo chileno continuava intacto.

Gramsci dizia que para se ter uma visão universal de mundo era necessário saber falar pelo menos duas línguas. Isso por que cada língua é forma e expressão de uma determinada cultura. Encurralado no interior de uma determinada língua, para ele, seria impossível perceber o homem como um ser universal e prevaleceriam os particularismos oriundos de sua experiência particular e nacional.

Tomemos a expressão “eu estou Ministro, mas não sou Ministro”, que qualquer brasileiro já ouviu. Traduzido para o francês teríamos a afirmação que “je suis ministre, mais je ne suis pas ministre”. Coisa sem nenhum sentido. Ser e estar, para o francês não podem ser separados porque sua tradição cultural é materialista. Só se é quando se está. Por isso, tanto ser, quanto estar, se resumem a um único verbo: “être”.

Se Gramsci tivesse passado em vários países, os quatorze anos em que viveu na cadeia, na Itália, talvez complementasse o pensamento anterior dizendo que seria útil, também, conhecer mais de uma polícia.

“El Chacal”

As características da repressão mostram um contexto e o momento de uma determinada cultura. A primeira vez em que estive preso, foi no Brasil, junto com cerca de 1.000 companheiros, no Presídio Tiradentes em São Paulo. A repressão era violenta, e não tinha nenhuma sutileza até então. O movimento estudantil, nos meses que antecederam o Congresso de Ibiúna, teve mesmo seus mortos. Mas a postura da repressão em relação aos estudantes era como se quisesse assustar, ameaçando ou dando uma surra em filhos rebeldes e inconvenientes. Aparecia ainda o caráter federativo do país: os presos foram divididos e entregues para os DOPS de seus respectivos Estados, que tinham ainda, muito, as características de órgãos burocráticos de um Estado populista.

Lembro-me de que fui solto devido à incapacidade de centralização de informações da repressão que ainda existia em 1968. Eu era diretor da UNE, e atuava principalmente nos Estados de São Paulo, Rio, Minas, Paraná e Bahia. Por isso, o DOPS gaúcho tinha muito pouco contra mim.

Fui um dos três dirigentes que escaparam da prisão, quando da repressão ao Congresso de Ibiúna e, quando fui solto, saí direto para uma assembléia no CRUSP. Perante estudantes perplexos, só em me verem ali, solto, declarei bombasticamente: “estou solto graças à incapacidade da burocracia do DOPS”. No outro dia, a frase estava estampada na capa de vários jornais...

Nos anos seguintes, o Estado já se modernizava, a ditadura militar já não tratava os estudantes como “jovens rebeldes” e foram criados eficientes organismos repressivos. Escondido em

aparelhos eu me arrependia da frase de efeito e juro que algumas vezes vi, em sonhos, um policial me perguntar: “como é mesmo aquela história da incapacidade da burocracia do DOPS?”.

Mais tarde, na França, tive a oportunidade de conhecer um Estado Moderno. Alguns ainda devem se lembrar, no meio da década de 70, de um projeto de modernização da polícia brasileira: o “Projeto Safari”. Tratava-se de um projeto de informatização da repressão no Brasil, através de um convênio com a polícia francesa.

O seu plano era criar uma carteira de identidade com um número único, nacionalmente. Isto possibilitaria, através da centralização, na polícia, de sistemas informáticos como o do INPS, as Universidades, os Bancos etc..., que a repressão soubesse todo o movimento de uma determinada pessoa. A quem ela dava cheques, onde trabalhava, onde estudava, tudo se poderia saber apenas colocando o número da carteira de identidade em um computador dos organismos de repressão.

Em 1976 os jornais franceses noticiavam que a polícia procurava um “terrorista” internacional que atendia pelo nome de Carlos. Já se sabia muito sobre ele, inclusive que Carlos, “El Chacal”, se chamava na verdade Ilich Ramírez e que era venezuelano. Pois por pedido da polícia brasileira ou simplesmente para mostrar serviço ao cliente, o “Serviço Antiterrorista e de Proteção Territorial” francês bateu na casa de três Carlos brasileiros: Carlos Muniz, Carlos Wainer e Carlos Minc.

Eu estava na casa do último, que por sinal estava viajando. Entraram na casa pela manhã, revistaram tudo e levaram presos: Fernando, Mônica, Elisa e eu. Ainda no carro, fiz meu primeiro teste para saber de sua disposição avisando: “tenho úlcera e necessito tomar leite a cada duas horas. Vocês são os responsáveis por minha saúde”.

Je suis le prisonnier...

No quartel geral da polícia nos separaram e passaram a interrogar um em cada sala para impedir que nos comunicássemos. Comecei, então, a compreender a diferença entre o Estado chileno e o francês.

Em nenhum momento existiu violência, ou ameaças. A única coisa parecida com a prática das polícias subdesenvolvidas que eu tinha experimentado foi uma clássica armadilha, antes mesmo de me interrogarem. Deixaram-me, por um certo tempo, sozinho em uma sala, sentado à frente de uma escrivaninha. Num dado momento abri a gaveta e pude ver uma arma. Fechei a gaveta, com uma mão fiz uma figa para cima, que pudesse ser vista por alguma câmara escondida, e continuei a esperar.

Quando se iniciou o interrogatório, logo após um novo policial entrar na sala e me dar bom-dia, afirmei que estava na hora de tomar meu leite. Perante o seu olhar incrédulo voltei a explicar que tinha úlcera e que necessitava tomar leite de duas em duas horas e que eles eram responsáveis por minha saúde. Depois de um minuto pensativo, ele saiu da sala e voltou dizendo que tinha mandado alguém comprar um copo de leite no outro lado da rua.

Não aceitei recomeçar até a chegada do leite e então ele me perguntou por que estava na França. Respondi que em meu país existia uma Ditadura, que eu tinha sido obrigado a me exilar e agora vivia em Paris, protegido pela Convenção de Genebra e pela ACNUR (Associação das Nações Unidas para os Refugiados). O policial falou que a França era o país da liberdade e perguntou se fazia algo para lutar contra a ditadura brasileira. Afirmei que não, pois o estatuto de refugiado não me permitia fazer política

no território que me abrigava, apesar de terem me prendido em uma casa onde estava estocado um sem número de documentos políticos e jornais da resistência brasileira.

Nos próximos cinco minutos ouvi uma preleção contra meu “desbunde”: “você não sabe que muita coisa pode ser feita no exterior para apoiar a resistência no país? Na época da ocupação nazista da França, toda a resistência era coordenada do exterior, da Inglaterra, mais precisamente, onde De Gaulle organizou o seu Q.G., dirigindo-se à França pela BBC. Dai também enviava armas para os resistentes, sendo decisiva sua atuação no exterior para a derrota dos invasores”.

Continuou a discorrer sobre o papel do apoio do exterior, quando o interrompi dizendo que o Brasil não estava ali, do outro lado da Mancha, mas a milhares de quilômetros da França. Além do mais, disse, na minha opinião, não tinha sido De Gaulle o coração da resistência, mas os “partisans” e que a luta contra a ditadura se decidia dentro do país etc... Eu tinha certeza de que não o convenceria, pois eu mesmo sabia que muita coisa podia ser feita no exterior. Mas o que se travava ali era uma guerra de inteligência, onde era importante não mentir, mas onde era possível deixar de dizer, desde que se conseguisse conservar a coerência na argumentação.

O resultado desse primeiro embate foi um empate. Ele foi então “direto ao grão”. Começou a falar sobre as organizações brasileiras, sobre a luta política no Brasil, mostrando um conhecimento razoável. Procurando me envolver para saber qual era a minha. Ele fazia as perguntas e eu respondia sempre em um nível político mais geral, abstrato, protestando radicalmente contra a ditadura de um ponto de vista democrático. Às vezes ele concor-

dava e em outras discordava, mas sempre movendo os seus peões. Num dado momento fiz uma cara feia, passei a mão na barriga e antes que eu falasse no copo de leite, ele pediu um minuto, saiu e voltou dizendo: “vamos almoçar”.

Fomos em um restaurante ali perto, seis policiais, Elisa, Mônica e eu. O machismo francês deixou Fernando sem almoçar. Entramos, comemos e conversamos, todos; sobre o Brasil, o Chile, a França, o futebol, as comidas etc., em francês e espanhol, e havia mesmo um que arriscava um “portunhol”. A conversa era amável, como soe ser entre pessoas cultas que sabem deixar o trabalho e a política fora da sala de jantar. Com exceção de um momento, onde um perguntou irônico se não havia uma diferença entre o policial francês e o chileno. Respondi, “mais c’est policier quand même” (mas é um policial de qualquer maneira), com uma certa hostilidade. Foi o suficiente para voltarmos todos para a sala de jantar e continuarmos a tertúlia até terminar de comer.

Na saída, quando saíamos do restaurante e voltávamos para a sessão de interrogatório da tarde, o “maître” cumprimentou, um a um, cada um dos policiais que passavam. Quando me deu “bonjour”, respondi com um “Je suis le prisonnier”⁴. Afinal... a trégua tinha terminado.

O romance e a realidade

Na época eles eram conhecidos como os “Tupas”. Um diminutivo que traduzia a simpatia que gozavam os militantes do

⁴ “*Eu sou o prisioneiro*”.

Movimiento de Liberacion Nacional Tupamaros, entre os revolucionários latino-americanos. Eles eram respeitados por sua audácia e por sua capacidade política e militar.

Seus quadros políticos eram estudantes, profissionais e funcionários da imensa máquina estatal uruguaia daquela época. A criatividade com que concebiam suas ações de guerrilha urbana era digna dos romances policiais mais sofisticados. Lembro-me, por exemplo, do resgate de prisioneiros efetuado em um Quartel Militar em pleno centro de Montevideú:

Meia-noite. Um jeep para na frente de uma casa numa rua do centro da cidade. Alguns homens tocam a campainha e rapidamente rendem o homem que abriu a porta e sua família. A casa já estava sob controle. Logo depois chegam dois ônibus da polícia militar e descem, um a um, cerca de quinze homens. Eles passam pelo portão e entram pela porta entreaberta. Silenciosamente, alguns levantam um alçapão no porão e cavam um buraco de alguns metros até fazer contato com um túnel com outros cento e cinquenta metros. Passam alguns minutos e grupos de dez homens começam a chegar por esse túnel. Cada um dos oito grupos, conforme saíam, eram conduzidos até a sala da frente, de onde, após vestirem roupas militares, eram levados para os ônibus. Em menos de uma hora, os dois ônibus saíam, um para cada lado, tocando uma estridente sirene. Um comando tupamaro tinha resgatado vários presos políticos, dirigentes e militantes de sua organização.

Esta his(e)stória me marcou tanto que, certa vez, no Estádio, brinquei com um deles, David, que se eles pensassem em organizar uma fuga, ele não deveria me esquecer.

Na época do golpe que derrubou Allende, os “tupas” já tinham sofrido derrotas importantes. Havia muitos exilados no Chile e vários de seus militantes estiveram presos no Estádio Nacional. Apesar de sua conspiratividade, era fácil identificá-los. Em geral eram magros e fortes denotando treinamento militar e uma vida espartana. Não usavam barba, como era comum entre guerrilheiros rurais, mas tinham uns bigodes característicos, voltados para baixo. O que os diferenciava dos militantes do MIR, que também não usavam barbas, além de suas concepções políticas particulares, era que o seu bigode era um pouco mais cheio que o dos chilenos.

Eles eram extremamente conspirativos, hábito de guerrilheiros urbanos, que se escondem na multidão. Era comum vê-los falando baixinho num canto da cela, com a boca protegida pelo ombro e escondida pela mão: “Supimos que el General Pratts viene de Valparaíso comandando una columna de militares legalistas, para libertar Santiago...”.

Contados hoje em dia, esses fatos parecem uma ficção. Alguns escritores e muitos políticos ridicularizam esse período dizendo que aqueles militantes viviam de sonhos e não tinham noção da realidade e da desproporção entre suas forças e a dos inimigos.

Mas qual é o limite entre a ficção e a realidade? Qual o limite da ficção e da realidade na história daqueles 12 homens que resolveram acabar com a tirania de Batista em uma pequena ilha? Qual o limite da ficção e da realidade quando Yuri Gagarin afirmou que “a terra é azul?” Qual o limite da ficção e da realidade para os habitantes de Bagdá quando, subita-

mente, é descarregado sobre suas cabeças o armamento mais moderno do mundo?

Os grandes avanços tecnológicos, os grandes monopólios e modernos meios de comunicação de massas aproximaram a realidade da ficção. Bombardeando os telespectadores com imagens de violência, de misérias, mas também de luxo e riquezas de todo o mundo, a televisão, ao transformar o homem em espectador, transformou a realidade em ficção.

O que faziam os tupamaros, os guerrilheiros, os revolucionários que se atiravam aos céus em assalto, os estudantes franceses que derrubaram mitos e costumes, foi exatamente o contrário: desvendar a realidade através da ficção. A luta de classes não era uma luta entre conceitos, entre o capital e o trabalho, mas uma luta entre homens. A força da repressão e das ditaduras não era prova da onipotência dos poderosos. Ao contrário, ela mostrava que era possível mudar, e que a violência contra os que resistiam era sinal do perigo que eles podiam representar.

Nessa luta alguns ganharam e a maioria perdeu. Mas todos lutaram e de alguma maneira fizeram história. A conspiratividade era resultado, talvez sob a forma de hábito, da consciência do conflito em que participavam. Mesmo quando ela parecia absurda como quando um "Tupa" se aproximou de mim, no Estádio, e colocando conspirativamente a mão na boca, perguntou, baixinho: "¿Quieres un café?"



A OCUPAÇÃO DE ESPACOS

O Estádio Nacional

É fácil imaginar 30.000 pessoas em um campo de futebol, torcendo amontoadas pelo seu time preferido. Mas não é tão fácil imaginar 30.000 pessoas vivendo em um estádio.

No Brasil não existem mais do que algumas centenas de cidades com mais de 30.000 pessoas. No Chile, em 1973, muito poucas chegavam a este número. Em uma cidade de 30.000 pessoas existem pelo menos uma prefeitura, alguns corpos de bombeiros, vários hospitais e postos de saúde, dezenas de escolas, centenas de lojas, restaurantes e supermercados, administrações distritais etc... E certamente nela se reclamava da falta de infraestrutura e das insuficiências municipais.

Pois, no Estádio Nacional, em alguns dias se criou uma cidade. E ninguém nem pensava em reclamar da infraestrutura.

Na minha primeira noite fui colocado em um vestiário que nos serviu de cela, com mais 126 pessoas. Durante o dia, as portas de quatro vestiários que davam para um mesmo corredor se abriam e as pessoas podiam circular por ali livremente. Claro que sob a mira de uma metralhadora de tripé, na saída do setor. Mas durante a noite éramos

trazidos para dentro dos vestiários e obrigados a nos instalarmos ali.

Na hora de dormir não havia espaço. Tentamos deitar todos, um do lado do outro. Ficaram quatro de pé. Tentamos novamente e nada. Restavam ainda quatro sem lugar para dormir. A criatividade nos levou a tentar outra maneira. Uma primeira fila deitou alinhando-se em um determinado sentido, outra colocava a cabeça na barriga dos que já estavam deitados, que por sua vez recebiam em suas barrigas a cabeça de outros, formando um entrelaçado como se fosse o assento de uma cadeira de vime. Quando terminou aquele balé, quatro de nós ainda continuavam sobrando. Havíamos comprovado através de uma experiência empírica, a antiga lei da física que diz que não importa como se arrume os objetos, a matéria sempre ocupará o mesmo lugar no espaço.

Levantamos novamente e alguém deu a ordem de “cair!”. Dormimos todos amontoados e, visto as dores que resultaram do mau jeito com que dormimos, a partir do dia seguinte resolvemos fazer um revezamento. Dois grupos de quatro se revezariam sem dormir durante cada meia noite. Afinal éramos muitos e desta maneira cada um ficaria apenas meia noite sem dormir a cada 15 dias. Este não era o maior problema com que teríamos que conviver.

Este episódio mostra os problemas logísticos de um campo de concentração. Eu estive somente em um, mas o que me parece é que, em qualquer um, os presos são um elemento chave na sua organização. Mais ainda ali, onde os soldados que nos controlavam eram inexperientes naquele tipo de situação⁵. Os outros presos já tinham

⁵ Além de a mobilização militar ser recente, para evitar que os soldados da capital tivessem de atirar em seus conhecidos e parentes, Pinochet trouxe soldados camponeses para cuidar de Santiago, enviando os da capital para o interior.

descoberto isto antes de eu chegar. Eles já participavam na distribuição da comida, no cadastramento dos presos e em outras tarefas de organização. Estava em curso uma batalha de ocupação de espaços. Uma luta que começava dentro da cabeça da gente.

Muito depois de ter estado no Estádio Nacional vi um filme, que se passava na França durante a segunda grande guerra, onde o importante não eram os bombardeios, as batalhas, os espões e contra-espões. O artista principal do filme era a vida. E a vida era o cotidiano de se esconder quando aconteciam os bombardeios, de conseguir o que comer, mas principalmente, era continuar a viver. E quando a catástrofe é tão grande que nada se pode fazer para acabar com ela; quando a guerra, as bombas; quando as mortes e maltratos eram um fato, que não podia ser revogado, os que dela não participavam apesar de serem suas vítimas, não tinham outra possibilidade além de continuar a viver. E a sua vida não era então diferente de todas as outras, com suas pequenas alegrias e tristezas, suas relações com outros seres humanos, com seus pequenos medos e sonhos.

A desesperança

Eu estava há dez ou doze dias no estádio quando vi Vânio, e percebi que ele olhava fixo para o soldado atrás da metralhadora de tripé na entrada do corredor. Observei-o por cerca de dez minutos até tocar em seu ombro imóvel. Somente alguns minutos depois, ele se voltou para mim com um ar de indagação. Perguntei em que ele estava pensando e ele me respondeu, com um brilho estranho nos olhos que ia atacar o soldado que nos vigiava.

A sua resposta provocou em mim a recordação da cena, alguns dias antes, de um prisioneiro que se atirou sobre um soldado armado de fuzil. Foi abatido no ar e depois chutado até não mais se lhe perceberem os ossos, para que servisse de exemplo.

Vânio, que pertenceu à guerrilha urbana, foi preso e violentamente torturado no Brasil. Durante meses... Até o dia em que foi retirado de sua cela, banhado e arrumado, sem que lhe falassem nada, como se estivesse sendo preparado para a cadeira elétrica. Depois foi encapuçado, colocado num carro e levado ao aeroporto onde soube que ia ser trocado por um embaixador sequestrado. Foi levado para Argélia e daí partiu para o Chile, onde depois de muito tempo experimentou viver sem esperar, a cada momento uma surra, uma tortura, e uma violência. Agora ele estava novamente ali...

Só quem enfrentou essa situação sabe o que é viver a incerteza, a espera de a qualquer momento ver todas as forças incontroláveis da natureza desencadeadas contra si. A dor da tortura, a violência, nestas condições, chega a ser um elemento de alívio somente por ter interrompido a espera. Agora, pelo menos se sabia o que ia acontecer.

Quando se sai de uma situação destas não se consegue superá-la ao nível das emoções. Em plena democracia na França, oito anos depois de sair do Brasil, eu ainda descia do quarto andar de um edifício sem elevador para telefonar do orelhão em frente e assim não ter a sensação de estar sendo grampeado. E não era para tratar de política...

Pois imagine as convulsões que se passaram no coração, na pele, nos poros de Vânio quando ele chegou ao Chile e

quando, passados os meses, a convivência entre o passado e o presente de suas emoções foi desencrespando seus músculos e permitindo à liberdade tomar seu corpo. Foi nesse momento que Vânio foi tirado violentamente de casa e atirado no Estádio Nacional.

Quem conhece as experiências de Pavlov talvez possa perceber a dimensão dessa violência. Dá-se o queijo ao rato, e quando ele começa a saboreá-lo um choque elétrico. Depois da terceira vez o rato não consegue mais separar o prazer do queijo e a dor do choque, separar o massacre da liberdade. E quando isto acontece, quando ocorre a desesperança, o que se quer é fazer algo para mudar, mesmo que isto signifique a morte. Em realidade deseja-se a morte, pois ela aparece então como a forma mais rápida e mais eficaz de interromper o interminável... Se atirar contra um metralhador ponto-quatro, capaz de varrer, com uma só rajada, uma dúzia de homens.

Vânio não chegou a se jogar contra o guarda. Eu e alguns companheiros começamos a vigiá-lo, revezando-nos, e distraíndo-o cada vez que nos parecia que queria se aproximar dos guardas. Mas não conseguimos impedir seu intento. Nem uma semana se passou e ele começou a sentir dores no estômago. Oto, um companheiro médico preso conosco, examinando-o, constatou que uma prisão de ventre absoluta o impedia de defecar. O intestino já começava a apodrecer com as fezes, inflamando-se e ameaçando-o de morte se não se operasse em 24 horas.

Mobilizamo-nos e forçamos os guardas a levá-lo ao hospital. Mas não o operaram. Vânio morreu sem atendimento, 24 horas após, como previra Oto.

A ocupação de espaços

A primeira forma de ocupação de espaços em um campo de concentração é a luta para manter a vida. Começa por se descobrir que ela pode continuar dentro daquela cela-camarim, na fila da comida e germinar na arquibancada onde nos colocam para tomar sol.

Uma grande descoberta foi a banheira de água quente (aquela que dá para três ou quatro atletas). Organizamos turnos e nos revezávamos em deliciosos e repousantes banhos. Depois cortaram a água, claro, e começamos a descobrir pequenos jogos e atividades para passar o tempo.

No final da tarde, quando nos reuniam novamente nos camarins, organizávamos verdadeiras festas. Às vezes fazíamos sessões onde cada um de nós falava um pouco de seu país. Víamos em um canto pessoas conversando, contando piadas; em outro um campeonato de xadrez, com o tabuleiro marcado no chão e peças feitas de sabão... Como em uma estação de veraneio, ao cair da tarde. Algumas vezes se chegava mesmo a organizar shows noturnos e, entre outras, tive a sorte de cair na minha cela um verdadeiro showman chamado Gualberto.

Gualberto era um característico costeño colombiano: preto brilhoso, estatura mediana, magra, porém forte, com uma testa larga e falando como se tivesse um ovo na boca, como os cubanos. Tinha chegado ao Chile alguns dias antes do golpe com uma banda de música popular de seu país. Vinha do norte e fazia uma turnê pela América Latina.

No segundo dia após o golpe desapareceu um de seus colegas de banda e ele saiu por Santiago a procurá-lo até que foi preso

por alguns carabineiros. No quartel, conseguiu provar sua inocência e foi solto um pouco antes do início do toque de recolher. No outro dia saiu o suficiente cedo do hotel para encontrar seu amigo, mas deu tempo para, naquele dia, ser preso mais duas vezes. Nos dias seguintes continuou sua romaria de procura e de prisões, até o quinto dia, quando foi preso pela sétima vez. Confesso que pensei mesmo evitar a conta de mentiroso, ao contar esta história. Mas estaria faltando com a verdade se ficasse no seis ou fosse até o oito, pois exatamente na sétima vez ele não mais voltou, pois ficou definitivamente “provado”, ser ele um terrorista cubano.

Desta vez foi parar no Estádio Nacional e quando estava entrando pode ver seu amigo na entrada, sendo solto. Contam, pois eu não me responsabilizo pela história, que o amigo de Gualberto foi ao hotel, pegou suas roupas e daí diretamente para o aeroporto e para seu país.

Não foi ele o único a pagar por sua inocência. Norberto, um padre marista do interior de São Paulo, apesar de sua consciência política forjada na teologia de libertação, pagou simplesmente por não conhecer a realidade chilena.

Norberto empacou na primeira pergunta dos torturadores: “¿Qué haces en Chile?”. Começou sua resposta, dizendo em um castelhano atravessado dizendo: “Soy un padre marista que...” e sem conseguir terminar a frase caíram em cima dele com socos e pontapés. Quando se recompôs e levantou, ouviu novamente: “¿Qué haces en Chile?”. Voltou a responder mais enrolado ainda em razão dos inchaços em sua cara: “Soy un padre marista” e caíram novamente em cima dele. A história se repetiu algumas vezes, como se fosse um vídeo-tape, até o seu estado físico inviabilizar

qualquer tentativa de continuar o interrogatório. Quando, de volta à cela, Norberto conseguiu murmurar algumas palavras e contar o sucedido, ouviu o comentário de um chileno: “¿Cómo vas a decir que eres mirista⁶, hombre? Los militares les quieren pegar a todos”.

Norberto e Gualberto, apesar de sua inocência, foram capazes de viver e aprender com aquela experiência. Mantiveram-se vivos apesar de receberem sobre si, por parte daqueles militares que não conseguiam perceber sua inocência, uma fúria que de início não conseguiram entender.

Nas reuniões noturnas Gualberto era um dos mais animados. Dava verdadeiros shows, cantando, rebolando, fazendo imitações e strip-teases para um público que, mesmo que quisesse, não podia ir embora ou pedir a entrada de volta. Certa vez contando esta história a uma amiga, ela me perguntou se o colombiano era um militante de esquerda. Não era. Se fosse não sairia com sua pinta de cubano a procurar um amigo, pelo menos após ser preso pela sexta vez. De qualquer maneira passou cerca de quarenta dias no Estádio e, tirando de lado a fome e algumas surras que levou, se divertiu a valer.

David esqueceu-se de mim

A aproximação com determinados soldados foi um dos subprodutos da política de acumulação de espaços. O trabalho nas atividades de organização permitia que alguns presos circulassem dentro do Estádio, obtendo informações e sabendo quem era

⁶ *Militante do MIR (esquerda revolucionária chilena)*

quem. Conversávamos com os soldados e nos aproximávamos deles, conseguindo sua ajuda ou pelo menos tolerância.

Estabelecemos alianças com alguns de nossos carcereiros, o que nos permitiu em determinado momento, inclusive, “esconder” alguns presos dentro do próprio Estádio. Foi o caso do filho de Corvalan⁷, que foi trocado de cela para não ser encontrado. Com isto se impediu que o continuassem torturando de maneira selvagem.

Assim fomos criando uma rede de informações que percorria o Estádio. Começamos então a ter condições de saber o que ocorria lá dentro e mesmo ter notícias do que ocorria pelo Chile. O golpe estava consolidado. Os focos de resistência que tinham existido em diversas partes de Santiago e no interior do país estavam praticamente liquidados. Uma “limpeza” no interior do Exército foi feita nas primeiras horas do golpe: dois mil carabineiros foram executados. A resistência armada e a ocupação de algumas escolas, bairros e fábricas, em particular no cordão industrial de Cerrillos, tinham sido desbaratadas.

Falava-se na morte de Neruda, o poeta de esquerda chileno. Num veemente protesto contra o golpe militar, ele teria morrido de desgosto. O seu enterro, alguns dias após o golpe, quando ainda se davam combates, prisões, torturas e assassinatos em escala industrial, se transformou numa insólita manifestação política. Milhares de manifestantes, cercados pelo exército, seguiram o cortejo fúnebre pelas ruas da cidade até o cemitério. Vinham silenciosos, portando uma tarja de luto e bandeiras vermelhas.

⁷ *Corvalan era o secretário geral do PC*

Esta história, contada em sussurros dentro dos camarins, provocava delírios de esperança de que as massas invadissem o estádio e nos libertassem. Esperanças inconfessáveis já que outras informações que chegavam até nós mostravam que as prisões massivas tinham desarticulado as organizações políticas e de massas, e que o toque de recolher dificultava sua rearticulação. Os manifestantes do enterro de Neruda não queriam derrubar ou abalar, sequer queriam desafiar a ditadura militar. Era apenas uma manifestação de “orgulho”. Como se dissessem: “caímos, mas estamos de pé!”

O golpe entrava numa nova fase. Enfrentado e derrotado o inimigo interno, pelas armas e pela violência, o que restava agora, para consolidar a ditadura, era trabalhar no terreno político: buscando o seu reconhecimento ao nível internacional.

Passados os primeiros dias, os estrangeiros de algumas nacionalidades começaram a ser libertado. O Comando Militar tinha preocupações diplomáticas e devia tomar cuidado para impedir o isolamento internacional.

Pouco a pouco foi se afirmando uma política de libertar todo prisioneiro cuja embaixada de seu país intercedesse. Entrevieram vários países: Venezuela, Itália, França e outros. Até o governo franquista intercedeu pelos prisioneiros espanhóis. Foram ficando apenas os estrangeiros de países dominados por ditaduras militares: bolivianos, paraguaios, uruguaios, nicaraguenses e outros, entre os quais os brasileiros.

Um dia, o embaixador sueco esteve no Estádio perguntando pelos tupamaros. Recebeu a resposta de que somente a embaixada uruguaia poderia retirá-los. O sueco saiu do Estádio e foi à embaixada uruguaia pedir que ela intercedesse. Os uruguaios não

aceitaram, mas deram ao negociador uma carta em que afirmavam que não se opunham a que os presos fossem liberados.

Com essa carta, o embaixador voltou ao Estádio Nacional, e com ele quatro ônibus. Algumas horas de negociação com o oficial chileno, responsável pelos presos estrangeiros, foram suficientes para que ele concordasse que o sueco tinha uma representação da embaixada uruguaia e, portanto, poderia levar os presos. Pouco depois pude ver todos os tupamaros saindo do Estádio e saber que David se esqueceram de mim...

Dois dias mais tarde o oficial que entregou os presos foi fuzilado. Este episódio não foi um fato isolado. Vários soldados e suboficiais colaboraram conosco, seja por opção ideológica, seja por liberalismo ou, como neste caso, simplesmente por inocência. Afinal eles também tinham seus Gualbertos...

Tomando conta do Estádio

A acumulação de forças que se desenvolvia nos camarins e nos recantos escondidos por onde passavam os presos trabalhando e nas relações com os nossos carcereiros, num determinado momento começou a se manifestar também no banho de sol das arquibancadas. Todo o dia, no final da manhã, éramos levados para as arquibancadas para tomar um banho de sol, onde continuávamos separados por setores, os presos de cada cela. Era setembro e outubro e os raios da primavera, naquele país frio, começavam a aquecer. Era uma oportunidade de arejar, de revigorar, até chegar as dezesseis horas, quando éramos levados para baixo para almoçar nossa xícara de sopa rala e a meia broa, antes de sermos colocados novamente nos camarins.

Conforme fomos recuperando a vida e crescendo em nossa organização, começamos a ampliar as atividades nas arquibancadas. No início mais timidamente, depois com mais força, um sambinha foi se tornando hábito entre os presos brasileiros. Até o dia em que talvez por fome, ou por qualquer outro motivo, os brasileiros não marcaram a sua presença.

Passou o tempo e aproximando-se a hora de baixar para o camarim, vimos um burburinho e uma gritaria entre os presos chilenos, do outro lado do Estádio. A zoeira foi ganhando ritmo até o momento em que ouvimos o coro repetir-se: “Olá que tal?”. Imediatamente entendemos o que queriam e caímos no samba, batucando furiosamente nas cadeiras do nosso setor. Nesse dia, os soldados precisaram de mais tempo para conseguir baixar os presos para as celas. No dia seguinte, combinamos antes e já entramos fazendo as evoluções, cantando e batucando um enredo de escola de samba. Só não digo qual, para não provocar dissensões entre os leitores.

Num dado momento paramos e gritamos em coro, dirigindo-nos para um outro setor a nossa esquerda: “Olá que tal?”, gritamos. Houve um momento de silêncio e pouco depois os peruanos começaram a cantar, inclusive imitando flautas, uma música indígena de seu país. A partir de então organizávamos verdadeiros shows durante os banhos de sol. Entremeados por: “Olá que tal?”, e respostas de: “Ieh. Ieh!”, tivemos belos momentos da mais fina música latino-americana. No fundo, como cenário, tínhamos a beleza das cordilheiras dos Andes por trás do Estádio, com o seu eterno branco de neve entrecortando o céu azul e sem nuvens”.

Mas os banhos de sol nas arquibancadas eram também momentos de articulação, e foi num deles que um grupo de brasileiros, tomando conhecimento da libertação dos tupamaros, teve a infeliz ilusão de que ainda tinha pátria e a péssima idéia de recorrer à embaixada brasileira.

A importação de tecnologia

Numa roda de brasileiros onde se discutia sobre a saída dos uruguaios, num dado momento, um deles sugeriu: “por que não chamamos a Embaixada Brasileira? Afinal alguns de nós não temos nenhuma acusação no Brasil e até o Franco (ditador espanhol) retirou seus nacionais”.

Ouvi esse bochicho no banho de sol e naquela noite, na cela, vi alguns brasileiros reunidos até altas horas. Não levei a sério, mas no dia seguinte, soube que tinham pedido contato com a embaixada.

Passaram alguns dias e nenhum retorno da solicitação, e cada vez que alguém comentava sobre isto ouvíamos vários: “eu não falei?”.

Um dia, a surpresa veio no banho de sol: os oito presos brasileiros, cômicos de seus direitos patrióticos, foram retirados das arquibancadas. A tensão e as especulações eram grandes entre os que ficavam: será que a embaixada os retiraria?

Em algum lugar do Estádio, eles estabeleciam contato com um representante consular brasileiro onde colocaram que não tinham nenhuma acusação contra si e apresentaram seu pedido de voltar ao país. Receberam como resposta que a embaixada estudaria sua petição e que voltaria no outro dia.

À noite, os oito presos brasileiros estavam eufóricos e as esperanças não cabiam em seus corações. Praticamente não dormiram e quando voltaram às arquibancadas no dia seguinte, tinham a cara de crianças que iam fazer a primeira comunhão. Ficaram inquietos até serem chamados e saíram, entre saudações de “boa sorte” de todos nós. A ansiedade foi muita, até que os devolveram, já na hora de retornar para baixo.

No camarim soubemos o que tinha acontecido. Os oito foram colocados numa sala, onde esperaram algum tempo até que chegou um oficial e perguntou: “alguém aí sabe bater à máquina”? Um engraçadinho, que obviamente não tinha servido o exército, se apresentou. Ele foi levado para dentro e voltou meia hora depois, com a tez branca e com cara de assustado. Depois dele foram interrogados mais três, em meio a ameaças de um oficial chileno, sob a observação de dois homens grandes, negros e à paisana, em um canto mais escuro da sala...

Naquela noite todos os brasileiros dormiram mal. Os que não tinham sido interrogados, não conseguiram sequer pregar um olho. Na hora do banho de sol, existia um certo pânico pairando entre os brasileiros. Quando foram chamados os quatro, o pânico se ampliou. No final da tarde só voltaram três e com várias escoriações. Contavam que um dos observadores, que por diversas vezes mandava bilhetes para o interrogador, num momento de distração assoviara uma marchinha: a “Saudosa Maloca”.

O pânico se instalou no camarim e já era quase meia-noite quando Edson, todo amarrotado, foi devolvido à cela. As piores suspeitas estavam se confirmando. Num dado momento o interrogador lhe perguntou se conhecia Jorge Correia da Silva, o que lhe

fez tremer nas bases, pois aí soubemos que era esse o seu verdadeiro nome. Edson, ou melhor, Jorge, pôde identificar então que o observador que sorria ao fundo era seu conhecido. Tinha sido seu torturador no Brasil. Depois vieram as porradas e o pau-de-arara.

A cada banho de sol nos dias que se seguiram mais quatro brasileiros eram retirados para interrogatório. E a porrada era cada vez maior. Em nossa paranóia, ou lucidez, começamos a descobrir uma ordem de chamada. Eles iam dos mais barra-leve para o mais barra-pesada. Descobrimos isto quando entrou o penúltimo grupo e só faltavam eu e mais três. Todos eles tinham pertencido à guerrilha, banidos e trocados por embaixadores. Eu era um elemento estranho naquela lista. Ainda não tinha nem sido julgado no Brasil; e no Chile, como já disse, ninguém tinha informações sobre mim. Somente mais tarde soube por que estava em meio a uma seleção de “bandidos”.

Conforme soubemos que os torturadores brasileiros estavam “transferindo tecnologia” e ensinando tortura aos chilenos (nos utilizando como cobaias), começamos a fazer uma agitação nacionalista entre os soldados e oficiais que cuidavam de nós: “Como deixam policiais de outro país vir torturar seus presos?”

No dia em que os últimos quatro subimos para as arquibancadas, prontos para o pior, o tempo passou e ninguém nos chamou. Nem nos dias seguintes. Mais tarde soubemos que o oficial responsável pelos estrangeiros tinha se negado a entregar seus presos aos torturadores brasileiros, caso não recebessem uma ordem oficial do Comando Militar. Ficamos mais tranquilos, pois julgamos que a tortura havia parado. Por esta, e/ou outra razão que não tínhamos ainda condições de perceber.

O contato com o mundo exterior

A primeira, entre todas as preocupações de um preso político, deve ser que os de fora saibam que ele está preso, e onde. Enquanto ele não consegue fazer isto, e, portanto, fazer com que os carcereiros saibam que eles terão de prestar contas de sua prisão, ele é o que se chama de “desaparecido”. E “desaparecidos” são também aqueles que desapareceram, e se encontram, vez por outra, em uma ossada descoberta em uma vala comum clandestina. Com a libertação dos presos estrangeiros conseguimos mandar nossos nomes para fora. Tínhamos rompido o isolamento.

A saída dos estrangeiros introduziu ainda uma outra variável na luta dos presos do Estádio Nacional. Se, por um lado, a libertação de presos estrangeiros reduzia a tensão entre a Junta Militar e as diferentes embaixadas, que retiravam seus nacionais, os companheiros libertados levavam para fora nomes dos que estavam presos, e uma imagem dos descabros realizados, dentro do Estádio, contra os mais elementares direitos humanos. E se criaram então condições para a intervenção da Cruz Vermelha, que solicitou, e terminaram por lhe conceder, uma autorização para entrar em determinadas áreas do Estádio e ver os presos estrangeiros.

Um dia, um homenzinho suíço e de cabelos vermelhos apareceu a uns dez metros de distância da arquibancada onde nos colocavam para tomar sol. Não deixaram que se aproximasse, mas foi possível jogar-lhe uma bola de papel amassado, contendo, mais uma vez, os nomes dos presos. Agora o contato era oficial, deixávamos de ser “desaparecidos”.

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

O primeiro contato com a Cruz Vermelha Internacional me produziu emoções contraditórias. Eu estava acostumado a ver filmes de guerra onde a Cruz Vermelha e a ONU apareciam intermediando cessar-fogo, troca de prisioneiros, e pressionando para parar os maus tratos. De repente ela estava ali, representada por um homem baixinho e de cabelos vermelhos. A realidade do campo de concentração apareceu com ele. Até então, em parte, era como se eu estivesse em um filme, com um cenário de campo de concentração construído em um campo de futebol. Foi quando o filme apareceu através de um figurante baixinho e de cabelos vermelhos, acenando por trás da arquibancada e abaixando-se para pegar a bolinha de papel com nossos nomes, ao lado de um oficial que lhe olhou contrafeito; foi somente nesse momento, quando pareceu que o diretor ia dizer “Corta!”, que a realidade apareceu e ela era o filme. Quando assumi consciência da catástrofe em que eu estava envolvido, não pude deixar de dar um sorriso; afinal eu também tinha algo de Gualberto.

O aprendizado da cadeia

Evidentemente o caráter e a formação política do preso tem algo a ver com sua postura dentro da prisão. Mas nunca se pode saber o comportamento que ele terá, na hora da verdade, quando supermilitantes se quebram simplesmente sob a ameaça da tortura, e, às vezes, um militante de quem nada se espera, assume as posições mais heróicas.

Lembro de um companheiro que estava pedindo desligamento da Organização, no momento em que foi preso. Era um jovem pouco amadurecido, com fixações maternas, em crise

ideológica clara e abandonando a luta revolucionária. Seu desligamento da "O." já estava aceito, faltando apenas algumas rotinas para sua consumação. Ficamos desesperados que abrisse o bico no interrogatório. Quando o interrogaram, não respondeu a nenhuma pergunta. Apanhou, foi despido, chutado, socado, torturado de mil maneiras e continuou a não responder nada. Não aceitou nem confirmar seu nome...

Tentar compreender os motivos e as razões que levam a uma determinada postura perante a tortura é uma coisa que já abandonei há muito tempo. São comportamentos que se originam nos recônditos mais profundos da alma. Mas depois do primeiro momento de enfrentamento individual com o torturador, inicia-se um outro momento onde se constrói uma dinâmica coletiva e, por decorrência, uma educação política.

Ninguém sai igual ao que era, quando entra em uma cadeia ou em um campo de concentração. A convivência diuturna de um conjunto de pessoas em um espaço tão reduzido é um grande estímulo para a socialização de experiências. Não há barreiras para isto. É conhecida a influência que os presos políticos tiveram nos presos comuns, em nosso país. A partir da década de 1970, este contato levou à introdução de pelo menos duas táticas militares usadas pela guerrilha urbana (a ação de comando e o sequestro) em suas práticas criminosas.

As prisões são verdadeiras escolas políticas. Lembro-me de que as primeiras músicas sobre a revolução cubana que aprendi, me foram ensinadas por presos comuns no presídio Tiradentes, após o Congresso de Ibiúna. Eles tinham aprendido com os presos políticos anteriores a nós.

Mas existe também a aprendizagem da vida coletiva. Na prisão tende a se formar uma espécie de associação de defesa: o “coletivo de presos”, como se chama normalmente. Ele se reúne para discutir como pressionar para melhorar as condições dentro da prisão, e quando ele se associa com forças exteriores à prisão, tende a buscar as formas de tentar sair daquele lugar. Isto se dá organizando fugas, ou através de uma luta política pela liberdade dos presos. Esta dinâmica tem um potencial altamente educativo para aqueles que dela participam. Para não falar de sua capacidade de mudar o rumo de uma vida. Quando falo sobre isso me vem à memória a história de Roberto.

Roberto, paulista do Brás, era um estudante de administração de empresas de família modesta, que vivia de seu trabalho como auxiliar de escritório. Era um burocrata em potencial. Ainda que tivesse como anticorpos uma atividade de teatro na periferia de São Paulo. Talvez por ação destes anticorpos, um pouco de saco cheio com sua vida, resolveu dar um pulo no Chile de Allende para ver como estavam as coisas.

Chegou a Santiago no dia anterior ao golpe e não conseguiu sair do hotel nos dias seguintes. No terceiro dia chegaram os carabineiros e o levaram, sem mais e nem menos para o Estádio Nacional.

No campo de concentração, Roberto era um curioso, sempre observando, perguntando e aprendendo. Chegou mesmo a solicitar ajuda da Embaixada Brasileira, mas nada conseguiu. Descobriu então que tinha se tornado um exilado por capricho do acaso. No Estádio participou das lutas dos presos e desenvolveu um processo

intensivo de politização. Quando foi solto, por gestão da Acnur foi levado para a França, onde viveu exilado por quatorze anos.

Conselho de Guerra

Foi através da Cruz Vermelha que soubemos que tínhamos sido classificados. Os presos tinham sido divididos, pelos militares em três categorias: os que “deviam sair do país”, os que seriam “expulsos do país” e os que seriam julgados em Corte Marcial (um julgamento militar sumário, onde o acusado não tem direito à defesa).

Eu e mais 22 companheiros estrangeiros estávamos em Corte Marcial. E aí comecei a entender por que o oficial que me prendeu havia dito que minha barra estava preta.

Pelo representante da Cruz Vermelha soube que Juno havia sido retirada pela Embaixada da Alemanha. Estava sã e salva. O embaixador alemão havia lhe dito que eu estava sendo acusado de derrubar um helicóptero e que, possivelmente, eu ia ser julgado pelo Conselho de Guerra como terrorista e fuzilado.

Agora eu sabia por que estava na lista dos “bandidos”, apesar de não compreender de onde saía essa história, de que eu tinha derrubado um helicóptero. Depois fui juntando os fatos e lembrei de Aurélio apontando para o helicóptero e a sua sombra, ameaçadora, se projetando pela porta como se tivesse uma arma apontada para cima... Não sei, e não vou saber nunca, se o helicóptero caiu, mas posso garantir que o dedo de Aurélio estava descarregado...

A sombra de Aurélio foi motivo da denúncia de um vizinho amedrontado. Pude então entender a sorte que eu tinha tido. Um pronunciamento militar no primeiro dia orientou os soldados a fuzilar sumariamente qualquer preso acusado de ação militar, não importando se era encontrado com ou sem armas. Eu só escapei porque havia sido preso por um regimento de esquerda. E depois, talvez pela gravidade da acusação, é que os interrogadores não me incomodaram mais do que a surra do primeiro dia. Eu seria fuzilado mesmo, não havia por que perder tempo. Sorte na ida e sorte na volta.

O fato não me preocupou muito. Em parte porque uma Corte Marcial era, mais ou menos como a Cruz Vermelha, uma coisa de filme, que termina quando as luzes são acesas. Também porque a minha formação tem um componente fatalista que diz que quando nada se pode fazer, não há nada a se fazer. Nesse caso não cabe nem mesmo ficar nervoso.

Nos dias posteriores ao conhecimento de nossa classificação, começamos a discutir sobre o significado que ela teria. Não precisou muito. Era óbvio que sua intenção era soltar os primeiros no aeroporto, expulsar os segundos e ficar com os que estavam em Corte Marcial para fazer um processo político e demonstrar que era real a acusação de que “existiam estrangeiros manipulando Allende”.

Nos contatos com a Cruz Vermelha fomos confirmando esta tese, e um dia soubemos que viria uma delegação da ONU ao Estádio quando seriam entregues os prisioneiros do primeiro e segundo tipos.

Cabia uma tomada de posição sobre isto e os presos das diversas nacionalidades começaram a se reunir para discutir o que fazer.

Ou todos ou nenhum

Durante o dia e a noite houve assembléias dos presos de cada nacionalidade. Entre os brasileiros apareceram duas posições. A primeira, defendida por mim e pelo Pedrão, era minoritária. Dizia que deveríamos afirmar que ou saíam todos ou não sairia ninguém. A segunda, dizia que o melhor era sair quem pudesse, para lutar lá fora, pelos que ficavam.



ASCENSÃO E QUEDA

A primeira experiência de ascensão e queda eu tive quando entrei para a Faculdade.

Eu jogava futebol de salão direitinho, mas me perdia completamente em um campo de futebol. Veio a olimpíada universitária e eu acabei escalado de lateral esquerdo no time da Arquitetura.

1968. Jogo televisionado. O locutor começou a ler a escalação e bateu no meu nome. “Nilton Santos! Vejam quem está aqui: o lateral da seleção”, afirmou exultante, descobrindo algo naquele jogo de amadores. Segundo amigos, que viram a transmissão e me contaram, ele falou mais de um minuto sobre isso.

Começou o jogo, fomos ao ataque e uma falta foi marcada a nosso favor ao lado direito da área. Eu fui “pescar” e a bola veio na altura da minha cabeça, mais ou menos um metro à frente. Valeu a agilidade do futebol de salão. Voei, cabeceando, e indo cair, junto com a bola, dentro da rede.

“Vejam”, dizia o locutor, “é gol de Nilton Santos! Gooooo! É o homem da Copa honrando seu nome” etc. etc... Era a ascensão, súbita e gloriosa. Do anonimato para o sucesso à frente das câmeras de TV.

Depois disto não fiz mais nada. Perdi-me naquele campo imenso e quando eu chegava perto da bola o locutor perguntava: “Onde está o Nilton Santos?” No final do jogo, o que ele dizia eu não vou nem contar. Era a queda...

Na luta política, mais do que em qualquer lugar, ascensão e queda, vitória e derrota são coisas efêmeras e passageiras. O poder é como a linha de horizonte. Você o tem ali, à altura de seus olhos, mas nunca consegue alcançá-lo.

Na luta revolucionária a coisa é pior. No marco de uma luta de morte contra um inimigo poderoso que, se não é capaz de impedir a existência de luta, pode dismantelar suas forças orgânicas. O chão desaparece sob seus pés, quando a organização, na qual você deposita toda a sua vida, é desarticulada. Sua vida se interrompe e é como se tudo começasse de novo.

Eu devo ter adquirido algumas dezenas de milhares de livros. Montei cinco bibliotecas. A cada mudança (quando entrei na clandestinidade, quando fui para o Chile, para a França e quando voltei para o Brasil) eu perdi alguns milhares de livros.

Reconstruir minha vida pode ser simbolizado pela criação de uma nova biblioteca e a construção de uma cama. Aprendi, quando entrei para a clandestinidade, a fazer uma cama de madeira aglomerada, rústica e dura (como convém à saúde). Extremamente simples. A cada mudança de vida, construí uma nova, e a que uso agora foi a que está durando mais tempo.

Os dias que se sucederam à visita do representante da ONU passaram sem maiores novidades, apesar de os envios de coisas dos parentes terem sido suspensos. Após a excitação de ter tomado a peito uma situação daquelas, de ter entrado em uma espécie

de jogo, onde o que estava em jogo eram nossas vidas, uma certa calma envolveu nosso cotidiano. Por alguns dias se falou pouco e o samba não compareceu às arquibancadas. Parecia que a grande maioria de nós refletia, consigo mesmo, sobre o passado, o presente e principalmente o futuro.

Pois quando, pela primeira vez, me passou pela cabeça a possibilidade de ser solto foi quando percebi que não existia mais nada. No Chile a vida não seria mais possível, meu grupo político estava disperso e eu não tinha mais nada além daquilo que estava ali dentro do Estádio. Se eu sáísse, seria necessário construir uma nova cama e uma nova biblioteca. Onde? Eu nem conseguia imaginar.

Mas os dias se passaram sem novas notícias. O homenzinho de cabelos vermelhos desapareceu por algum tempo, o que era sinal de que algo tinha mudado. Para pior – será que tínhamos entornado o caldo? – ou para melhor – será que estava negociando a nossa saída? – não podíamos saber. O negócio era continuar a vida entre os bombardeios.

Recebendo presentes

Na mesma época em que tivemos contato com a Cruz Vermelha, começamos a receber coisas de fora, enviadas por amigos e parentes. Na hora do banho de sol nas arquibancadas, as pessoas eram chamadas por um alto-falante. Conforme ouviam seus nomes, os presos saíam dos diversos setores do Estádio e entravam no campo por portões no alambrado. Caminhavam, então, pela pista que circundava o campo até um caminhão es-

tacionado junto ao gol de nosso lado esquerdo. Aglomeravam-se ali em uma fila gorda e numerosa, enquanto esperavam para receber as coisas enviadas pelos seus parentes. Depois retornavam à arquibancada com suas comidas, cartas e, às vezes, com algum agasalho.

Após os primeiros dias, essa nova rotina também ganhou seus ares de festa. Quando o “locutor” se preparava para dizer um novo nome, a galera silenciava. Depois o beneficiado, ovacionado, saía saltitando e gritando no sentido do alambrado.

Como tudo no Estádio, isto era feito em uma certa desordem. Algumas vezes o felizardo aproveitava para dar uma escapada e ir visitar a galera em outro ponto das arquibancadas. Ocasionalmente, um “coitado” que nunca recebia nada, era sorteado no lugar de outro que já tinha ido receber muitas coisas. Afinal a grande maioria das coisas que entravam eram divididas e assim se dava chance a alguém para desbravar mares por ele nunca dantes navegados.

As cartas, em geral, eram censuradas. As que chegavam não diziam quase nada. Mas os presentes contavam tudo. No mínimo que alguém lá fora estava pensando e fazendo algo por nós. Fui chamado umas duas vezes e pude saber, então, que minha irmã tinha ido ao Chile tentar me ajudar. Pude então saber, também, que Juno já tinha sido solta, por gestão da Embaixada da Alemanha.

Certo dia, a rotina das chamadas, dos aplausos e da fila foi rompido. Gonzales, a quem nunca alguém tinha mandado nada, foi chamado e partiu para o alambrado emocionado. Passou o tempo, foi chegando a hora de baixar para a cela e ele não voltava. E não voltou.

Eremégio Gonzales Ortiz era um índio peruano muito tímido, jovem ainda, que com seus cabelos negros muito lisos, ficava em um canto da cela, enrolado num poncho, meditando a maior parte do tempo. Parecia que havia algo de misterioso, naquela figura, totêmica, sentada ereta, como se a única coisa que faltasse fosse um cachimbo de cabo comprido, para que aquela imagem se confundisse completamente com a fantasia.

Às vezes, eu me distraía a olhá-lo imaginando que mistérios estariam escondidos naquele guerreiro sereno. Jerônimo? Touro Sentado? Amauta? Tupac Amaru? Um representante qualquer da luta daquele povo que um dia foi invadido, dizimado e aniquilado pelos invasores portugueses, ingleses e espanhóis. Mas que resistiu e se manteve como raça predominante, inclusive etnicamente, em várias partes de nossa América como em El Salvador, na Bolívia e em particular no Peru.

Quando Eremégio não voltou, as conjecturas foram muitas. Mas no fundo o que todos pensavam era uma coisa só: “o descobriram!” A chamada teria sido apenas um melo de retirá-lo da cela sem chamar a atenção.

Na próxima arquibancada não houve mais aplausos quando as pessoas eram chamadas. No final da tarde voltaram todos, mas continuava no ar o mistério de Eremégio. Mistério que se desfez no final da tarde do dia seguinte quando o vimos caminhando, serenamente enrolado em seu poncho, entre os que voltavam da chamada. Quando chegou calado e sentou ao meu lado, perguntei: “o que houve?” Em sua calma respondeu que tinha encontrado um amigo chileno enquanto esperava na fila para receber uma carta de sua esposa e que estava com um filho doente. Perante

minha cara de espanto ele completou: “hablamos un rato y mandaron que volviésemos. Ahí, piense, que seria bueno pasar dos días en su camarín, para poner las cuestiones en día”.

Já foi dia de índio

Foi no Chile que comecei, apenas então, a perceber os índios. Até então eles me lembravam pouco mais do que uma fantasia de carnaval. Na época eram considerados, na melhor das hipóteses, com paternalismo: coitadinho do índio... Meu marxismo, como todo da época em que “o socialismo era resultado do desenvolvimento das forças produtivas”, só reforçava o preconceito das sociedades capitalistas que identificavam o índio com o atraso e a incultura.

As manifestações de camponeses mapuches no Chile começaram a me despertar para outra realidade. Foi, nesta mesma época, que comecei a tomar conhecimento das mobilizações de índios brasileiros, seus confrontos com “pacificadores”, conflitos de terra e criação de confederações de tribos. Mas foi em Eremígio e sua aparente passividade, que percebi que por trás daquele silêncio secular, com suas pernas e braços cruzados e olhar no infinito, que poderia haver um outro mundo, uma outra forma de ver a vida.

Mais tarde, em particular quando estudei a história dos índios da Nicarágua, e poderia ser de qualquer outro país latino-americano, eu pude compreender o que naquele momento ainda era apenas uma intuição. A diferença entre eles e nós, entre sua cultura e a nossa, é que enquanto eles são parte, nós somos se-

parados da natureza. Somente por isto podemos nos transformar em seus inimigos e mesmo destruí-la.

Os homens “civilizados” tentam ver o índio à sua imagem e semelhança. Seus líderes são tomados como “dirigentes” e “autoridades”, quando na realidade os “Conselhos de Anciãos” usavam apenas a autoridade de seu conhecimento da vida. Seus chefes de guerra são tomados como verdadeiros milicos, quando não ditadores, com poder de vida e de morte sobre seus comandados em tempos de guerra e de paz, quando na verdade sua liderança se limitava apenas à direção de seus combates. Quando chefes militares dos índios nicaraguenses tentavam impor sua liderança além desses limites, eles eram simplesmente depostos. E quando, depois disto, insistiam em utilizar o prestígio conquistado na guerra em proveito próprio, eram eliminados para não corromper sua sociedade. Os índios nicaraguenses não conseguiam entender que alguns homens pudessem ser escravos de outros e nas tribos dominadas pelos espanhóis, muitas vezes, as mulheres se negavam a ter filhos porque não admitiam parirem escravos. Algo assim como Vânio em sua recusa a viver naquele Estádio.

Historiadores nos contam que, certa vez, esses índios consultaram seus oráculos que lhes disseram que os mares invadiriam a Nicarágua. Não se amedrontaram. Ao contrário, se alegraram, pois isso expulsaria os espanhóis. Afinal se consideravam partes da natureza e assim sobreviveriam nela, quando os intrusos fossem varridos pelas águas.

Como é difícil para nós, vivendo em uma sociedade industrial e voltada para o consumo, entender esta relação com a na-

tureza. O capitalismo para transformar os homens em força de trabalho expulsou-os da terra pela violência, pela supervalorização do consumo e pelas leis. Um dos instrumentos para afirmar esta tendência, usado pela burguesia na Nicarágua, foi proibir que se cultivasse banana fora das plantações, pois os camponeses podiam se alimentar com elas e não seriam obrigados a trabalhar.

A separação da natureza é inevitável no capitalismo, pois nele o objetivo é a acumulação de riquezas, e a natureza será sempre apenas matéria-prima a ser “consumida” e ser transformada em mercadoria, em bem de troca, em bem a ser consumido...

Quando se fala em “volta à natureza”, a partir dessa prática e dessa visão de mundo se tem a tendência a ver essa separação como algo físico. Como algo que pode ser resolvido indo morar no campo, plantando árvores e salvando baleias.

A serenidade que muitas vezes vemos nos índios (e que eu via em Eremígio) é a sua herança desta relação com a natureza. O “stress”, as tensões e o medo em que vivemos são heranças de uma cultura que separa os homens entre si, e da natureza, provocando, como seria de se esperar, seu ódio e a sua vingança.

O terremoto

Nos dias que se seguiram à visita da ONU, os banhos de sol nas arquibancadas perderam a regularidade e se tornaram mais raros. Foi nesse período, quando ficávamos mais tempo encerrados no camarim, que vivemos a experiência de um terremoto. Já tínhamos vivido uma sensação semelhante quando, nos primeiros dias em que estávamos presos, o estádio foi atacado por um co-

mando armado do MIR. Enclausurados ouvimos os tiros, primeiro de pistolas, depois de metralhadoras e por último de bazucas, impassíveis, sem nada poder fazer. Esperávamos o desenlace com a irracional esperança de que o comando pudesse dominar os soldados e nos libertar, mas tendo certeza, de que terminado o combate os soldados entrariam furiosamente pela porta do camarim para nos punirem e vingar-se da petulância do ataque sofrido.

Foi um terremoto de 5.2 da escala Richter, pude saber depois. Uma escala que vai de 1 até 12, quando então o céu desaba e as terras se abrem. Um terremoto é uma coisa assombrosa que provoca uma sensação difícil de se descrever. Na primeira experiência, quando não se conhece as consequências que ele pode ter, ele pode até divertir.

A primeira vez que experimentei um terremoto, eu estava em um dos raros prédios altos de Santiago daquela época. Pude ver, pela janela em frente, um edifício balançar como um pêndulo, fazendo um movimento que pareceria normal, se não soubéssemos que os prédios são feitos para ficarem parados. Aprendi então que o terremoto não é um, mas um coletivo. “Temblor” (tremores) que se sucedem do imperceptível até ganharem violência. E depois continuam se sucedendo, enfraquecendo, até desaparecerem. Quando veio o próximo tremor eu já estava na rua e vi postes que pareciam serem de borracha, com seus fios e suas lâmpadas balançando como a ramada de uma tenra árvore em meio a um vendaval. O chão tremia até quase nos fazer perder o equilíbrio. As coisas, as casas, os edifícios, o mundo, rangia. Um friozinho me correu pela espinha, mas quando parou, a excitação e o medo não eram diferentes do que eu senti, na primeira vez que subi numa montanha russa.

Mas existiam pessoas que tinham visto um terremoto terminar em catástrofe. No Chile houve um terremoto em 1970 em que centenas de casas desabaram e os mortos se contaram aos milhares. Para quem viveu essa experiência, a sensação que provocava um terremoto era a mesma de quem tinha visto uma montanha russa ruir e os carros caírem à sua volta. Neste, o terror substituía a diversão. Eu via, em “temblores” de 2 ou 3 pontos, os chilenos correrem desembestadamente para fora de casa, onde nada lhes podia cair sobre a cabeça. Mesmo assim, temiam que a terra se abrisse sob seus pés. A experiência ensina que se é possível sair para um lugar descampado, isto deve ser feito. Quando não é possível deve-se ficar sob vigas e elementos de estrutura da casa que mais dificilmente ruirão.

Quando começaram os primeiros “temblores”, a histeria começou a se instalar na cela. E conforme foram ficando mais forte, o pavor foi se generalizando, naquele camarim onde estávamos encurralados, Por um momento temi que alguém tentasse sair pela porta e fosse metralhado. Mas o terror empurrava todos para sob as vigas e quando os tremores começaram a enfraquecer o resultado foi apenas um amontoado de gente. Entre mortos e feridos salvaram-se todos, apesar de alguns hematomas, alguns dedos machucados e muitos narizes amassados. Mas eu tinha aprendido a temer os terremotos.

Antes de ir para o Chile eu já tinha sentido algumas vezes essa sensação de o solo abrir-se sob os meus pés. Quando caiu o congresso da UNE, quando veio o Ato Institucional número 5, quando em alguns dias eu vi cair toda a minha organização, eu comecei a conhecer esse sentimento. Mas ele

ganhou dramaticidade, com a experiência do Estádio Nacional. Aí, convivendo com a tortura e a morte a cada instante, vendo companheiros com quem convivi sendo massacrados por uma violência irracional, comecei a perceber que aquela sensação podia não ser um pesadelo, poderia ser real.

O materialismo histórico ou a vontade divina

Mas se eu tivesse ido ao “ponto” (de encontro) em que Juno foi presa em meu lugar; se eu tivesse tentado entrar na embaixada do Peru, se não fosse preso por um regimento de esquerda; se Gualberto e Roberto não tivessem ido passar uns dias em Santiago; se aquele terremoto chegasse a 8.7 graus na escala Richter em vez de 5.2: tudo então seria diferente. Em determinadas condições, um pequeno gesto, estar em um lugar e não em outro, fazer isso e não aquilo. Cuidado! Pode ter consequências inesperadas e mudar uma vida.

Quantas vezes consegui identificar o gesto que poderia ter feito tudo diferente. Mas quem sabe onde esse outro gesto me levaria? Talvez a um caminho onde novos acasos pudessem governar.

Minha formação teve pelo menos três componentes que marcaram minha estrutura psicológica: o marxismo estalinista do meu pai, a tradição árabe da minha mãe e a cristã católica e protestante, das escolas que cursei quando criança. Todas estas influências criaram em mim um certo sentido de fatalismo que não permite admitir a possibilidade de ter feito as coisas diferentes. Para mim, as coisas são como foram. O “materialis-

mo histórico” ou a “vontade divina” assim o quiseram. A fusão destas influências tão diversas fez com que esse fatalismo tivesse um forte componente pragmático: para que pensar em algo que não pode ter nenhuma consequência?

Se as condições históricas e materiais determinam os processos, o acaso pode dirigi-los por caminhos imprevisíveis. O terremoto, o Estádio Nacional, a vida, me fizeram começar a pensar o acaso como parte do processo histórico.

Até então, o estalinismo de minha formação dizia que a marcha da história era inexorável, que o socialismo era inevitável e que o processo histórico tinha o seu caminho. Agora percebia que ele poderia tomar seus desvios.

Na realidade se o socialismo é a manifestação máxima da inteligência do homem, já que podemos acreditar que o homem seria capaz de descobrir o caminho da fraternidade e da vida comunitária aprendendo com sua experiência, ele pode ser destruído antes de resolver suas contradições. Já é hoje, não era naquela época, senso comum que o homem destrói suas condições de existência... E antes mesmo disto, um louco qualquer controlando meia dúzia de botões pode destruir o mundo inteiro.

A única coisa que pode impedir o terror originado nesta descoberta é recompor o fatalismo em novas bases: as forças materiais determinam uma correlação de forças que delimitam as possibilidades do acaso (é mais difícil que a casa nos caia na cabeça se estamos debaixo das vigas!). Ademais, em último caso, quando o acaso é inevitável, o terror não nos servirá de nada.

Como seria bom estar na Embaixada Argentina

Já entrado em outubro o Toque de Recolher continuava vigente, mas as poucas organizações políticas e militares da resistência que tinham sobrevivido ao golpe militar, se retraíam para resguardar suas forças. Para a maioria dos estrangeiros e para muitos chilenos perseguidos que não encontravam uma estrutura política que os resguardasse, o exílio era o único caminho.

De fora do Estádio vinham notícias de que havia muitos estrangeiros e chilenos nas embaixadas. Se a nossa situação, no Estádio abarrotado, não era boa, nas embaixadas abarrotadas as coisas não eram muito melhores. A comida rareava, as condições de higiene eram precárias (muita gente para pouco banheiro) e as provocações por parte dos militares chilenos eram constantes. Às vezes a energia elétrica era cortada, provocando pânico e receio de invasões. Os militares se negavam a deixar que os refugiados fossem retirados do país e mesmo, em alguns casos, tiros eram dados para dentro de embaixadas chegando a provocarem feridos. Mas eles já estavam protegidos por leis internacionais e em “território” amigo. Mais tarde, ou provavelmente mais cedo, sairiam todos.

Ah! Como seria bom estar nessa embaixada, depois ir para a Argentina e ficar livre lá. De repente. Até, quem sabe, voltar clandestinamente para o país. Afinal já tinham se passado os seis meses...

Reflexões como estas se repetiam nos dias que continuavam a se passar após a visita da ONU ao estádio. O pessimismo e as esperanças se alternavam sem a menor causa real. Até que um dia, abriram a nossa cela pela manhã, fez-se silêncio e chamaram

a mim, e aos outros três brasileiros que não tinham sido interrogados pelos torturadores brasileiros. Será que a tortura recomeçaria?

Quando eu estava sendo levado com meus companheiros reassumi a serenidade de quem nada mais tinha para fazer. Subimos escadas, passamos por corredores e portas até sermos colocados em uma ante-sala, sentados apertados em um banco. Esperamos quatro horas de sofrimento até sermos chamados, juntos, para dentro da sala onde estava um oficial, sentado em uma mesa, e dois outros homens, carrancudos, atrás deles.

Nos preparamos para o massacre quando o oficial pronunciou, um após outro, os nossos nomes. Parou um momento e nos disse que seríamos levados novamente para a cela onde deveríamos rapar a barba para tirar fotografia.

“O bigode também?”, perguntou um engraçadinho entre meus companheiros que também não tinha servido o exército. “Raspar tudo!”, respondeu, ordenando, o oficial.

Na cela tomamos banho, fizemos a barba (foi uma das poucas vezes que fiquei com a cara rapada) e ficamos a esperar. Passaram-se as horas, uma noite e nada. Somente na outra manhã, voltaram para nos buscar.

Percorremos o mesmo caminho do outro dia e quando chegamos na mesma sala, havia o mesmo oficial sentado à mesa e, ao seu lado, um fotógrafo. Tiraram nossas fotografias, fizeram-nos preencher uma ficha e colheram nossas digitais. Logo depois nos devolveram para nossa cela.

Nos dias seguintes rolaram barbas, cabelos e bigodes. Grupos subiam e voltavam com as mãos emporcalhadas. Uma grande operação estava em andamento. Não tínhamos mais dú-

vidas, preparavam-nos para sermos libertados. Estavam nos maquiando para que quando chegássemos fora não aparecessem vestígios das péssimas condições da prisão e dos maus tratos.

A excitação era grande entre os estrangeiros. Discutíamos e fazíamos adivinhações sobre como seríamos libertados e para onde seríamos levados.

Alguns falavam em comida, em comprar pães e chocolates. Outros trocavam endereços, como se estivessem em um final de excursão. Outros ainda, vez por outra entoavam um coro: “Ai, ai, ai, está chegando a hora, o dia já vem raiando meu bem, eu tenho que ir embora”.

A hora da bóia

Dois dias depois, nos acordaram pela madrugada e começaram a nos retirar dos camarins. Fomos levados pelos labirintos do estádio até chegar na sua entrada, onde fomos colocados em alguns ônibus.

Percorremos a cidade a uma velocidade de 40km por hora. O toque de recolher ainda não tinha sido levantado e a cidade estava deserta. Vez por outra víamos um caminhão militar, uma barricada de sacos de areia com metralhadoras, em alguma encruzilhada. Passamos pelo Palácio de La Moneda, onde pude ver os estragos que os bombardeios de aviões haviam feito. Passeamos por quase toda a cidade, fazendo zigue-zagues e voltas que não podíamos entender: razões de segurança, ou a ironia de uma despedida da cidade?

Paramos no subúrbio, em frente a um muro alto que escondia uma bela casa grande e de dois pisos. Fomos colocados para

dentro em fila indiana, escoltada por guardas. Atravessamos o portão e fomos recebidos em um jardim por algumas pessoas com cara de europeus.

Em um espanhol carregado, nos explicaram que aquela casa tinha sido alugada pelas Nações Unidas e transformada em Embaixada da Suíça, para receber os presos estrangeiros do Estádio e encaminhá-los para outros países que os asilassem. Teríamos dez dias para fazer entrevistas com representantes de vários países e decidirmos, voluntariamente, para onde queríamos ir.

Depois da preleção, fomos levados para os quartos no piso superior onde deveríamos nos alojar, homens e mulheres separados, para tomar banho e arrumar nossas bolsas. Eu tinha apenas a roupa do corpo, um casaco, e um cobertor que tinha “desapropriado” no estádio, e que me acompanhou por quase vinte anos depois.

Terminamos de nos arrumar, descemos e nos concentramos no pátio. Eram onze e meia quando ouvimos a sineta indicando que era hora da bóia. Quando nos sentamos às mesas havia sobre elas talheres, pratos, copos, uma jarra de água, e uma cesta de vime com pães variados ao lado de um prato com pão e manteiga. Não duraram nem três minutos. Parecia que tinha passado um enxame de formigas. Nenhuma migalha, e o pratinho de manteiga raspado com o último pedaço de pão. Pude mesmo ver alguém tirando um tablete amarrado de chocolate do bolso e colocando-o, furtivamente, dentro do pão.

Depois veio a sopa, aromada, apetitosa, com seus cogumelos, e com pedacinhos de pães torrados na manteiga, cuidadosamente colocados em cima. Como prato principal tivemos duas

opções: um saboroso peixe, das águas frias do sul, ao escabeche com seu molho de camarões; e/ou um empadão de legumes com queijo, acompanhados de arroz, purê, saladas de palmito, tomate, alface, além de ovos ao “vinagrete”. O enxame de formigas passou novamente, e aguardou ansiosamente a sobremesa: Ilhas Flutuantes e frutas.

Terminada a santa ceia nos espalhamos pela casa deitados em sofás, poltronas, pelo solo ou na grama do jardim. Jiboíamos algumas horas até levantar-se o primeiro e ir ao banheiro. Depois outro, mais outro, depois todos. A diarreia foi geral e se prolongou até a noite, entre cólicas e imensas filas ao banheiro.

Pouco a pouco, quando nos parecia que tinham ido as vísceras, começamos, esgotados, a nos deitar e adormecer em nossas camas. Acordei pela madrugada, já mais aliviado, e pus-me a pensar o que me esperava depois daquela caganeira.

A noite estava agradável como soem ser as noites em Santiago em outubro. Entre uma ou outra cólica que ainda insistia em permanecer comecei a pensar no que seria o futuro. Deveria tentar reunir a “família” (meu grupo político) em algum lugar onde pudéssemos continuar nosso trabalho. Aproveitaria para conhecer novas coisas e talvez estudar em uma nova universidade.

A “maldição” dos banidos

Disseram-nos que os países latino-americanos estavam se negando a receber os refugiados. Mesmo os que tinham entrado nas embaixadas. Soube depois que os que buscaram

asilo na Embaixada da Argentina tinham ficado três meses dentro dela até serem retirados do país e ficaram recolhidos em um refúgio afastado de Buenos Aires. Aí ficaram, vigiados, em alguns casos por quase dois anos, até algum país europeu aceitar lhes dar asilo. Ah! Que bom eu não ter estado na Embaixada da Argentina.

Restava então a Europa. Para onde? Alemanha, Suíça, Holanda, nem pensar. Lá ficaríamos isolados. O bom seria ir para onde houvesse uma colônia de refugiados brasileiros, o que facilitaria os contatos com o Brasil.

Pelo que eu sabia havia muita gente na Suécia e na França. Decidi então que tentaria ir para um destes dois lugares. Não conseguia me sentir nestes dois países, mas antes mal-acompanhado do que só.

No segundo dia, houve entrevistas com os representantes diplomáticos da Suíça. Nos disseram que era bom que o máximo de gente fosse entrevistado. Seria uma deferência por eles terem nos abrigado, mesmo que preferíssemos outro país. Caso fôssemos aceitos não seríamos obrigados a ir para aquele país.

Eu não tinha o mínimo interesse em ir para a Suíça, mas acabei cedendo à tentação de ver a entrevista como um teste para as próximas, que seriam importantes para mim.

Falei sobre a minha vida e insisti no fato de ter estudado arquitetura e, em particular, desenho industrial. Sabia que esta profissão tinha um importante mercado na Suíça, e comecei a falar como se minha vida fosse dedicada a ela. Quando saí da sala eu sabia que os tinha impressionado.

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

João Paulo, ao contrário de mim, queria ir para lá, não me lembro mais por que razão idiota. Quando foi entrevistado perguntaram se ele tinha sequestrado o embaixador suíço no Brasil. Não adiantou negar o óbvio, que ele não podia ter participado do sequestro, pois estava preso quando de sua realização, e, inclusive, fora trocado pelo embaixador.

Quando veio a resposta, eu tinha sido aprovado e ele não. Foi então que descobri a maldição dos “banidos”, os trocados por embaixadores sequestrados. Como não sabiam quem eram os sequestradores, os trocados é que eram perseguidos. Quando mais tarde cruzava uma fronteira da Europa, e os policiais batiam os olhos em meu passaporte de apátrida, uma outra maldição, abriam um livro imenso e se detinham, demoradamente, em uma lista de brasileiros. Na Alemanha tinham a lista dos trocados pelo embaixador alemão, na Suíça etc...

Nos dias seguintes vieram outros representantes diplomáticos e entre eles o da Suécia. Era minha oportunidade e pedi para ser entrevistado. Para minha surpresa não me deixaram. Diziam que eu já tinha sido aceito pela Suíça e que devia dar a oportunidade a outro.

Senti-me traído e enganado, no que não fui entendido por alguns companheiros que não tinham ainda sido aceitos por nenhum país. Reclamei muito e não me deram bola. Pensei por um momento que o “pequeno gesto” de ter aceitado ser entrevistado pelos suíços poderia ter sido fatal.

Resolvi lutar pelo meu direito de ir e vir, para não correr o risco de terminar na Suíça.

Na Suíça, jamais!

No abrigo da ONU, a vida não era algo com que se pudesse reclamar. Dormíamos tranquilos, bem agasalhados e fazíamos quatro refeições por dia. Um farto café da manhã com pães diversos, geléias e frios, onde vez por outra frequentava mesmo um croissant. Um saboroso almoço, um lanchinho pela tarde, e um bom jantar para terminar o dia. Tínhamos ganhado roupas e direito a uma boa ducha diária com sabonete e xampu.

Batíamos papo, jogávamos futebol no pátio e cartas, xadrez, gamão e pingue-pongue no refeitório. De vez em quando cantávamos e tocávamos instrumentos improvisados. Muito samba é claro. Lembro-me de que certa vez veio uma TV sueca: denunciávamos as torturas e as condições no Estádio, falamos sobre nossas vidas, e tocamos o Hino Nacional e a Marselhesa em ritmo de samba. Era como se estivéssemos em uma estação de veraneio e chegávamos mesmo a conseguir uma paquera. E como isto era bom depois de quarenta e cinco dias de Estádio.

Começamos também a receber visitas. Tomaz veio me visitar e pela primeira vez tive notícias da turma. Soube que minha irmã estava bem e ela tinha lhe contado que tinha saído no Jornal do Brasil o nome de uma série de brasileiros mortos. Meu nome estava entre eles. A mesma notícia tinha sido divulgada na TV sueca, apesar de eu estar ali para desmentir. A maioria dos companheiros estava em embaixadas, em particular na da Argentina (coitados!). Luciana, a “primeira refugiada do Chile”, estava bem.

Organizamos um plano para tirar Luciana, da Argentina. Existia um programa das Nações Unidas de reagrupamento de

parentes. Eu diria que tínhamos nos casado no Chile e assim a levariam para onde eu fosse. Depois nos reagruparíamos em um país que combinássemos. Tomaz a avisaria por telefone. Contei a ele que queriam me mandar para a Suíça. Ele riu e me disse que eu deveria gostar porque lá tinha bons chocolates e que a Suíça era um país democrático onde um abaixo-assinado de 40.000 pessoas podia provocar um plebiscito para reformar a Constituição. Respondi a ele que o problema era que lá nunca se conseguiria reunir mais de três pessoas para nada.

Eu tinha um certo preconceito sobre a Suíça. Anos depois passei alguns dias em Lausanne, e gostei. Em particular do chocolate. Mas naquele momento morar lá era o que eu poderia considerar a pior coisa que tinha para me acontecer. Melhor ficar no Estádio...

Depois do papo com Tomaz radicalizei: não iria de forma alguma para a Suíça. Comecei o que se poderia chamar de um "processo de racionalização". Apesar de nunca ter me passado pela cabeça a possibilidade de ir para a França, aquele país me atraía. A intimidade em relação aos franceses, em minha família (nas escolas do Líbano o francês era obrigatório, e meu pai declamava poesias em francês na hora da mesa). A comuna de Paris tinha sido uma das fontes de minha formação marxista. A revolta dos estudantes franceses em maio de 68 tinha marcado minha experiência de líder estudantil. Estudando arquitetura e história das artes eu tinha dissecado as suas igrejas e os seus castelos, conhecido o que tinham seus museus e o que era a sua arquitetura. Por que não conferir? E as suas mulheres... Não era para a Suíça, para a Suécia e nem para qualquer outro país que eu deveria ir. A França era meu destino.

Foi na época que eu tinha tomado minha decisão irrevogável de não ir, que chegaram os representantes da França. Pedi para me entrevistarem e eles se negaram. Chamei um representante da ONU e lhe comuniquei minha decisão: não aceitaria ir para a Suíça e somente sairia para a França.

Com uma certa ironia ele me respondeu que breve se completariam dez dias, que aquela casa deixaria de ser um refúgio diplomático e que se eu não fosse para a Suíça eu poderia ser preso. Seu ar irônico começou, no entanto, a se desmanchar, quando insisti que não sairia e perguntei se eles não ficariam em péssima situação perante a opinião pública internacional, se me devolvessem para os soldados chilenos. Ele insistiu em sua afirmação. Já não tão seguro como no início. Mas reafirmou que não poderia fazer nada e que eu não deveria me arriscar.

A "obsessão" ...

Todo mundo achou que eu era louco. Justo agora que tínhamos conseguido sair do Estádio eu ia inventar uma história destas. O importante, na opinião de todos, era sair do Chile, não importava para onde.

Quanto às viagens, sou uma pessoa muito conservadora. Nunca refleti muito sobre as razões disto. Não sei se nasci assim. Na verdade, até 1967 eu nunca tinha ido mais longe do que Minas do Butiá, onde meu velho tinha uma fazenda, cerca de 45 minutos de Porto Alegre.

Em meados de 1967, eu era da UEE do Rio Grande do Sul e fui eleito delegado para o XXIX Congresso da UNE. Na mesma

semana eu tive uma briga com meu pai, que terminou a discussão dizendo que a casa era sua, e que se eu não gostava de como ele via as coisas, que eu saísse de casa. Respondi dizendo que depois do Congresso da UNE sairia. Talvez a discussão não tivesse qualquer consequência se eu não fosse eleito um dos vice-presidentes da entidade. Eu não tinha precisava discutir com meu pai, pois ele me tinha posto de casa para a rua. Voltei dois meses depois para pegar minha roupa, e depois somente para visitar meus pais e meus irmãos.

Caí no mundo e, como dirigente da UNE, em 1967 e 1968, viajei incessantemente pelo Brasil. Mesmo se eu tivesse nascido com vontade de viajar, nesse período, em que fazia habitualmente no mínimo duas viagens por semana, de centenas de quilômetros, eu teria matado qualquer prazer que isto pudesse significar.

Por uma ou outra razão não gosto de viajar. Quando pensei que estava curado da experiência da UNE, certa vez, fiz uma viagem com uma companheira e um casal para a Itália. Fomos de carro e depois de dois ou três dias de correrias, acampamentos e carregamento de malas, eu não aguentava mais.

Em 1969, quando sai da diretoria, resolvi sentar a poeira. Fui morar no Rio, onde consegui passar dois anos, antes que tivesse de entrar na clandestinidade e depois ser forçado a me exilar. Fui para o Chile e dois meses depois estava ali, pronto para ser exportado para qualquer parte do mundo. Talvez para a Suíça...

Eu gosto de ter viajado, de ter conhecido lugares, de ter percebido identidades e semelhanças, de ter vivido outras culturas e isto valeu qualquer tortura de viagem. Mas, naquela época eu não

tinha ainda idéia do que isto poderia significar. Eu viajava sempre forçado, em razão de alguma obrigação.

José Vasconcelos contava a piada de um sujeito que vinha à noite de carro pela estrada e furou um pneu. Foi olhar na mala e não encontrou um macaco. Caminhou pela estrada por quilômetros, vociferando sobre como foi esquecer o macaco. Quando avistou uma casa ao longe se disse que o dono dela deveria ter um macaco. Mas e se ele não emprestasse o macaco? Conforme foi se aproximando da casa refletindo sobre isso, mais indignado ficava porque o homem não queria lhe emprestar o macaco. Quando bateu à porta pensava que era uma barbaridade essa falta de solidariedade. Quando se deu em si que quem tinha aberto a porta era uma simpática e indefesa velhinha de cabelos brancos, já tinha dito: “mete o macaco no”.

Pois a minha decisão de ir para a França era um pouco essa obsessão. Eu tinha sido perseguido no Brasil por querer exercer meu direito de opinião. Tinha sido submetido aos horrores de um campo de concentração. Parem de pisotear os meus direitos. Não me obriguem a viver na Suíça. A obsessão de Vânio estava tomando conta de mim...

Diferenças e identidades

Wladimir conta que quando chegou a Cuba com seus companheiros banidos foi colocado em um hotel de Havana. Arrumaram suas coisas e baixaram para a varanda para tomar aquele sol de Havana. De repente, olhou para a praça em frente e viu um brasileiro subindo em uma árvore. Foi como se houvesse

um estouro de boiada, sob os olhos atônitos dos cubanos, todos correndo naquela direção: era um pé de jaca. Que cumpria uma função, apenas decorativa, naquela praça...

Era uma delícia no exílio descobrir algo de nossa realidade incrustado um país diferente. Às vezes este algo não era tão nosso, mas da identidade imposta pelo capital internacional e das multinacionais. No Chile, recebi um grande presente enviado por uma tia que abri vorazmente. Era um sapato de couro do Rio Grande, que me deu grande alegria, um pacote de biscoito cream-cracker e um vidro de Nescafé. Para matar a saudade, segundo ela. Coca-cola, Mac-Donalds, Nescafé e outras coisas não nos faltaram em lugar algum.

Existiram outras descobertas, óbvias, que nos forneceram surpresas agradáveis. A sobremesa de abacate, que virou molho para os sanduíches no Chile ou a salada na França, o café “fresco” (gelado) na Itália, as cervejas da Alemanha, de variados sabores, inclusive agridoce, ou os queijos usados como sobremesa ou o “panaché” (chopp com soda limonada na França).

O conhecimento de outros países, como a saudade, passa muito pela boca. Talvez uma fixação oral por uma outra aproximação com a vida. Um churrasco, uma nata com frutas era a representação da saudade do Rio Grande do Sul; a França era o “pan au chocolat”, o fondue, os queijos deliciosos e fedorentos e o “quiche lorraine”; Portugal os doces de ovos; a Alemanha eram as cervejas e o “strüdel” e assim por diante. Quando noutras praias aparecia um feijãozinho preto, era uma loucura. Éramos capazes de cometer um desatino. Certa vez me chegou um e resolvi mostrar para uma namorada escocesa o que era uma feijoada. Botei

o saco de feijão debaixo do braço, descolei couve e farinha de mandioca em um mercado de coisas importadas e fui para a casa dela. Carnes eu encontraria em “Belleville”, onde ela morava. Ela me indicou uma ruela onde tinha vários “bouchers” (açougueiros) e saí à luta. Perguntava por costeletas, orelhas e rabos de porcos, e os açougueiros me olhavam com cara feia. Tivemos que contentarmo-nos com carne de vaca, e enquanto a comíamos, ela falou que talvez não tivesse conseguido o que queria porque todos os açougues do bairro eram de mulçumanos.

Depois de um tempo de viajar pelo mundo a gente começa a conseguir identificar as pessoas pela voz ou pela aparência. As vezes eu ia para Saint Michel com uma amiga, sentava num bar e ficava identificando: aquele é português, aquele outro italiano...

Algumas vezes as aparências enganavam. Eliane e Renato, dois amigos meus estavam no Metrô quando entrou um grupo de japoneses, todos vestidos de escoteiro. “Japoneses idiotas”, falou ela, sussurrando, para Renato. O japonês que estava mais perto virou para ela e corrigiu: “japoneis no,... paulista!”.

Saindo do inferno

Quando se aproximava do décimo dia, o refúgio já ia se esvaziando. Grupos de companheiras iam sendo levados ao aeroporto e embarcados para seus países de exílio.

Cada vez parecia mais verídica a ameaça feita pelo representante das Nações Unidas. No nono dia saíam os aceites pela Suíça. Pela manhã o seu representante diplomático me chamou e disse que me preparasse para viajar. Eu disse que não iria, e ele me

repetiu o argumento e disse que seríamos levados para o aeroporto às treze horas.

Por um momento quase vacilei, mas estava tomado pela obsessão. Fui deitar na grama do pátio tomando banho de sol. Na hora do almoço alguns diziam que eu era maluco, e todos tentavam me convencer a mudar de ideia. Quando terminei a refeição voltei para o quarto e pouco depois lá chegou o representante da Suíça. “Todos já estão no ônibus”, começou dizendo, “somente esperam você”. Eu reafirmei que não iria, que agradecia muito, mas que era melhor pouparmos um escândalo. Não mais falou. Olhou surpreso e se retirou do quarto.

Pouco depois ouvi o ruído do motor do carro. Era a vitória! Ou a derrota? Quem poderia dizer. Eu estava certo, não iria mais para a Suíça. Mas o que ocorreria então?

O pavor começava a tornar conta de mim, quando bateram à porta do quarto. Tentei me acalmar e mandei entrar. Era o representante da ONU que entrou, sentou à cama e me preparei para receber o esculacho, dando-lhe autorização com um “sim?”.

Você tem uma reunião, hoje, com os representantes franceses, afirmou com uma voz serena antes de se despedir.

Depois veio a reunião com os franceses, depois o silêncio, a noite amargurada, até ser acordado pela madrugada por um senhor que não conhecia, que me deu uma ordem de que me vestisse. Quando ameacei reagir, ele afirmou: “o avião para a França parte em uma hora”.

Era o décimo dia e eu percorri novamente a Santiago silenciosa, sob os primeiros raios de sol. Era a despedida. Nos aproximávamos do aeroporto e, apesar do silêncio, a alegria trans-

bordava dentro daquele ônibus. Parecia que tinha terminado. Os horrores do Estádio, as péssimas condições de vida, as torturas, os assassinatos começavam a ficar para trás. Depois viria a França, Paris, o Sena, as comidas, as mulheres e a Liberdade.

Não podia acreditar que não estava sonhando e o silêncio escondia o receio de que algo completamente absurdo acontecesse de repente. O aeroporto ainda estava vazio e até entrarmos no avião, que era fretado com a Air France para levar somente os presos, a excitação e a tensão eram grandes.

O avião correu pela pista e começou a se afastar do solo. Depois começou a sobrevoar os Andes onde tinha caído o avião dos uruguaios cerca de um ano antes. Com a vista daquela neve branca por todo o lado, a excitação foi dando lugar ao sono.

Acordei com o avião tocando o solo do aeroporto de Buenos Aires. Nos desceram e colocaram em uma sala isolada do movimento de passageiros. Pude ver Luciana através de um vidro, me acenando. Brinquei pegando o dedo anular, como se dissesse que estávamos casados.

Ela sorriu com a brincadeira. O artifício foi eficaz e pouco depois ela era levada a Paris pelo programa de reunião de famílias da ONU. Mais tarde, talvez tenha se arrependido da mentira, pois nos separamos e ela ficou grávida de um novo companheiro. Tentou se divorciar e lhe exigiram, para tal, a certidão de casamento que nunca tinha existido.

Fomos recolocados no avião e ele voltou a rodar pela pista rumo a terra da liberdade, igualdade e fraternidade. Alguém brincou perguntando: “e se o avião tem uma pane e somos obrigados a pousar no Brasil?!”.

Vai meu irmão, pega esse avião...

O avião sobrevoou o oceano rumo à Cidade de Dakar onde faria escala. Minha cabeça estava povoada de pensamentos descontraídos. O que seria da minha vida agora. Começava a gostar da ideia de morar um tempo na França. Talvez voltar a estudar em uma Universidade, conhecer coisas novas...

Paramos no aeroporto de Dakar onde comprei uma camisa e senti o sol africano, e levantamos novamente o vôo no sentido de Orly. Tínhamos feito a última refeição da jornada e começou a passar um filme. Coloquei o aparelho de som enquanto via o título: "Os terroristas". Um bom filme policial é uma boa pedida, pensei.

Era hora de parar, de pensar no futuro e relaxar. Em verdade eu já estava em franco processo de relaxamento. Pensava que em algumas horas estaria em Paris, gozando a liberdade de uma democracia estável onde se respeitavam os direitos humanos, sem perseguições, sem escutas telefônicas, sem ter de olhar para trás para ver se estava sendo vigiado.

A estória do filme começava com um avião pousando em Orly, enquanto os créditos passavam pela tela. Um homem jovem, mais ou menos da minha idade, descia do avião passando por aqueles tubos imensos que servem de passarela e levam até o aeroporto. Quando passava pela alfândega o passageiro ia até um corredor rolante. Depois passava por uma porta de vidro e chegava até a portaria.

A cena era cortada e recomeçava novamente em câmera lenta. Quando passava a alfândega o policial apertava um botão.

Quando ele entrava no corredor rolante, eram mostradas, no vaso de flores, em cima de um letreiro e diversos outros pontos, câmaras fotografando ou filmando o homem chegar até a portaria do aeroporto.

Era a estória de um grupo de terroristas líbios, com nomes e falando em árabe, apesar de todos terem caras de latino-americanos. O homem chegava de avião, em Paris, para fazer contato com sua organização. Ele se instala em um hotel e vai ao “ponto” de encontro.

Quando está chegando para encontrar seu contato, ele percebe que estava sendo seguido. Muda seu rumo e volta para o hotel. A cena é cortada e aparece uma central da Divisão Antidrogas e Segurança Territorial. Homens com aparelhos telefônicos olham um mapa da cidade onde pontos luminosos indicam seus homens. Um ponto vermelho indica o hotel do terrorista.

O homem tinha um ponto de encontro com sua organização que se repetia por três dias repetidos, e quando ele sai do hotel percebe novamente que está sendo seguido. Tenta despistar seus seguidores usando as táticas cubanas para despistar seguidores, mas termina por voltar ao hotel por não ter tido sucesso. Sua dificuldade estava nos franceses utilizarem a tática do triângulo, apresentada no filme, didaticamente. Através do painel a brigada antiterrorista procurava manter três homens fazendo um triângulo em volta do subversivo. Assim nunca o seguiam diretamente e conforme o homem conseguia romper uma das arestas, outro homem indicado pela central se encarregava de fechar o triângulo do outro lado.

O homem tenta no terceiro e último dia fazer contato com seus parceiros. Quase consegue burlar a vigilância, mas o triângulo

O ESTÁDIO ERA MAIS ALEGRE

se fecha novamente. Ele percebe novamente e volta para o hotel. Ouve-se um estampido, os policiais invadem o quarto e o encontram morto: tinha se suicidado com cianureto.

O emocionante filme chegou ao fim quando sobrevoávamos Orly. O avião para e eu entro pelos tubos para chegar ao aeroporto. Passo pelo vidro que leva ao corredor rolante. Entro e vejo, a minha esquerda, o mesmo vaso que escondia a câmara no filme...

Eu estava em Paris, terra da liberdade, mas já começava a desconfiar, que o Estádio era mais alegre.

O AUTOR

Nilton Bahlis dos Santos é gaúcho e começou a fazer política na adolescência, quando estudava no Colégio Julinho em Porto Alegre, onde existia um movimento secundarista forte. Depois entrou na Arquitetura da URGS, onde participou da direção da entidade estudantil que se reorganizava, imediatamente após o golpe de 1964. Em 1966 foi eleito para a diretoria do Diretório Central dos Estudantes e depois para a UEE do Rio Grande do Sul.

A partir de 1967 foi eleito para a diretoria da UNE e, com seus companheiros esteve à frente das lutas estudantis e populares que marcaram o ano de 1968 em todo o país. Participou então da tentativa de reorganização dos Centros Populares de Cultura (CPC) da UNE. Em 1969 se mudou para o Rio de Janeiro, vivendo na semiclandestinidade até o início de 1972. Nesse ano, com a queda de quase 200 pessoas ligadas à sua Organização, terminou por sair do país para o Chile. “Por seis meses” era o que esperava.

Por ocasião do Golpe de Pinochet, foi preso, indo parar em uma Corte Marcial no campo de concentração criado no Estádio Nacional do Chile. Posteriormente, foi retirado do Estádio pela Cruz Vermelha Internacional e exilado na França, protegido pela Comissão das Nações Unidas para Refugiados, até 1979, quando voltou para o Brasil.

No exterior editou o Jornal e a Revista Campanha, que se dedicavam a organizar a colônia de exilados, estabelecer contato com movimentos revolucionários em outros países, e dar apoio à resistência no interior do Brasil. Nessa época escreveu sobre política

inter-nacional e fez reportagens para revistas no Brasil e em outros países. Produzia artigos sobre os movimentos revolucionários na América Latina, em particular na América Central, e reuniu material para escrever vários livros, entre eles “E também lhes ensine a ler: A experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua”.

Atualmente, Nilton Bahlis dos Santos é doutor em Ciência da Informação e líder do Grupo de Pesquisa “Tecnologias, Cultura e Práticas Interativas e Inovação em Saúde”, certificado pela Fiocruz; pesquisador e coordenador do Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (NEXT) e do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT), ambos do ICICT/FIOCRUZ. Faz parte da Coordenação do Observatório para la Cibersociedad (OCS) e do Conselho Editorial da revista científica “Textos de la Cibersociedad”. Foi fundador e coordenador do Clube do Futuro, fundador e diretor do Centro Nacional de Quadrinhos, Roteiros e Imagens e um dos criadores da Bienal Internacional de Quadrinhos, atuando como curador e produtor de suas três edições. Atua na área de Ciência da Informação, Sociologia de Redes, Comunicação e Promoção de Saúde, e Popularização da Ciência. É pesquisador, editor, jornalista e produtor gráfico e cultural, especialista em sistemas complexos e Interativos, e em políticas para a Internet. Modera comunidades virtuais e faz consultoria em Internet, Sistemas de Informação e Comunicação e em Educação à Distância (EAD).

Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização de sua produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Redes Sociais, Informação, Comunicação, Saúde Coletiva, Tecnologias Interativas, Internet, Sistemas Complexos, Educação Não Formal, Comunidades Virtuais, Popularização de Ciência e Organização da Cultura.

Este livro foi composto em Frutiger, corpo 11,5, entrelinha17,
e impresso em papel Alta Alvura 90g/m² da Suzano,
pela Arquimedes Edições, em Setembro de 2010.

O personagem deste livro viveu situações onde sonho e realidade se aproximavam, até se confundirem. "Como sempre", diria. Acreditando em um mundo diferente, degustou intensamente os momentos e lugares aos quais forças tão poderosas o levaram. Lançou-se de corpo e alma para viver sua utopia com a vontade de uma geração que acreditava que a diferença entre o possível e o impossível é apenas que este, talvez fosse um pouco mais difícil. Lutou para concretizar o que acreditava, o que provocava as melhores sensações. Mesmo que a possibilidade de ascensão e queda, de vitória e derrota estivesse igualmente presente a cada passo.

Quando fala, como se fosse a coisa mais corriqueira do mundo, das histórias do exílio, ou que esteve em um campo de concentração, às vezes lhe perguntam:

- "Depois dessa experiência, voltaria a viver isso tudo de novo?"

- "Me considero uma pessoa de sorte", responde.

ISBN 978-85-89667-41-8



9 788589 667418